

eling
UPg

**Revista eletrónica de Linguística
dos estudantes da Universidade
do Porto**

*A students' e-journal of Linguistics from
University of Porto*

Revista de Linguística

Volume XI | n.º 1 | Ano 2022

Diretores:

António Leal
Purificação Silvano

Editoras:

Inês Cantante
Mariana Ribeiro
Rute Rebouças
Sofia Pinto
Violeta Amélia Magalhães

Secretariado Editorial:

Ana Fidelis
Bruna Costa
Daniel Monteiro
Eloísa Bastos
Fábio Granja
Filipa Ferreira
Joel Santiago
Jorge Carvalho
Marina Salimon
Milena Santos
Renata Rodrigues
Rita Sofia Novo
Rui Lopes
Sara Carvalho
Sofia Pinho Silva
Tatiana Moura

Comissão Científica:

Alexandra Pinto
Ana Maria Brito
Ângela Carvalho
Celda Morgado
Clara Amorim
Elena Zagar Galvão
Fátima Oliveira
Fátima Silva
Idalina Ferreira
Inês Oliveira
Isabel Margarida Duarte
Joana Guimarães
Joana Teixeira
João Veloso
Luís Filipe Cunha
Maria da Graça Pinto
Rogelio Ponce de León Romeo
Rui Sousa Silva
Sónia Valente Rodrigues
Thomas Husgen

FICHA TÉCNICA

eling^{UP}

Revista Eletrónica de Linguística dos estudantes da Universidade do Porto
Vol. 11 | n.º 1 | 2022

Periodicidade: bianual

Capa: Raquel Araújo

Os artigos publicados estão sujeitos a avaliação.

A Revista está registada na OJS.

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

ISSN 1647-4058

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

Esta revista conta com o apoio do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) - UIDB/00022/2020.

ÍNDICE

Nota das Editoras	6
Entrevista ao Professor Doutor João Veloso	8
Artigos	
As palavras de polaridade negativa em expressões positivas no Português do Brasil	39
Fábio Granja, Milena Santos e Ana Fidelis	
Análise contrastiva dos tempos verbais do passado em Inglês, Português Europeu e Português do Brasil: o caso Harry Potter	57
Ana Louise Pinto Santos Pereira e Juliana Filipa da Cunha Costa	
Para uma Sintaxe Unificada de Quando	70
Luísa Leão	
Recensão	
Effenberg, A.O., Schmitz, G., Baumann, F., Rosenhahn, B., Kroeger, D. 2015. SoundScript – Supporting the Acquisition of Character Writing by Multisensory Integration. <i>The Open Psychology Journal</i> 8: 230-237.	86
Violeta Amélia Magalhães	

Nota das Editoras

A revista *elingUP* anuncia, com grande entusiasmo, a publicação do primeiro volume de 2022, dando assim continuidade à investigação desenvolvida por estudantes de Linguística e à sua partilha.

O primeiro volume de 2022 conta com uma entrevista, três artigos e uma recensão crítica. Os artigos procuram contribuir para a investigação no domínio da semântica e da sintaxe, bem como na interface destas com a análise do discurso. A recensão crítica situa-se, sobretudo, no âmbito da aquisição da linguagem.

Em primeiro lugar, destacamos a entrevista realizada ao Professor Doutor João Veloso, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que em muito tem contribuído para a investigação em Linguística, mais especificamente na área da fonologia, e a quem muito agradecemos a disponibilidade e generosidade ao ceder-nos esta entrevista.

O primeiro artigo, *As palavras de polaridade negativa em expressões positivas no Português do Brasil*, assinado por Fábio Granja, Milena Santos e Ana Fidelis, consiste na análise e compreensão do uso de palavras de polaridade negativa em expressões cuja polaridade final é positiva, no Português do Brasil. Este trabalho apoia-se no campo teórico da análise de sentimento, sobretudo nas teorias de polaridade de Taboada (2016) e Trnavac et al. (2015).

Análise contrastiva dos tempos verbais do passado em Inglês, Português Europeu e Português do Brasil: o caso Harry Potter, da autoria de Ana Louise Pinto Santos Pereira e de Juliana Filipa da Cunha Costa, é o segundo artigo que, através de uma análise contrastiva entre a versão original, em Inglês, e as versões em Português do Brasil e em Português Europeu, tem como objetivo verificar quais os tempos verbais mais usados no último capítulo da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J. K. Rowling.

Segue-se o artigo de Luísa Leão, intitulado *Para uma Sintaxe Unificada de Quando*, que, partindo da sistematização de contextos sintáticos em que o morfema *quando* ocorre, apresenta uma proposta para uma sintaxe unificada de *quando*, defendendo a hipótese de que se trata de um mesmo constituinte (um morfema Q), que apresenta a propriedade sintática de operador [+Q].

A recensão deste primeiro número de 2022 é de Violeta Amélia Magalhães sobre o texto de Alfred Oliver Effenberg, Gerd Schmitz, Florian Baumann, Bodo Rosenhahn e

Daniela Kroeger (2015, Revista *The Open Psychology Journal*), intitulado *SoundScript – Supporting the Acquisition of Character Writing by Multisensory Integration*, que propõe a introdução de um método *sonificado* para a aquisição da grafia.

Através desta breve descrição, pretendemos dar a conhecer ao leitor a diversidade dos temas abordados e das áreas nas quais se inserem. A equipa editorial da *elingUP* espera que o presente volume agrade todas e todos os que o consultarem e que possa servir como um estímulo para futuras contribuições no campo da Linguística.

As editoras,

Inês Cantante, Mariana Ribeiro, Rute Rebouças, Sofia Pinto e Violeta Amélia Magalhães

Entrevista ao Professor Doutor João Veloso



O Professor Doutor João Veloso é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1990, onde se tornou mestre em Linguística Portuguesa, em 1996, e doutor em Linguística, em 2004. É atualmente professor nessa mesma instituição, conduzindo investigação nas áreas de Fonologia, Morfologia e Fonética. Entre 2008 e 2022 foi coordenador do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Criou e mantém, desde 2008, o Arquivo Dialectal do CLUP, um arquivo de amostras de diferentes dialetos do português recolhidas ao longo de cerca de vinte anos. Foi presidente da Associação Portuguesa de Linguística entre 2012 e 2016. Entre 2018 e 2022, desempenhou o cargo de Pró-Reitor da Universidade do Porto, assumindo as pastas da Promoção da Língua Portuguesa e Inovação Pedagógica. Com a inauguração do Instituto Confúcio da Universidade do Porto, em 2019, tornou-se também o primeiro diretor desse centro. O Professor João Veloso já apresentou muita da sua investigação em encontros, palestras e conferências um pouco por todo o mundo, tendo tido um preponderante papel na divulgação do português e principalmente da posição de relevo que esta língua tem a nível internacional. Tem publicadas dezenas de artigos científicos em revistas especializadas, capítulos de livros e também volumes completos dentro das suas áreas

de principal interesse. Em 2011, deu aulas na Universidade de Porto Rico e, atualmente, encontra-se a dirigir o Departamento de Português da Faculdade de Letras da Universidade de Macau.

A entrevista ao Professor João Veloso foi preparada pelos estudantes Ana Fidelis, Fábio Granja, Marina Salimon, Milena Santos, Renata Rodrigues, Tatiana Moura e Violeta Magalhães e realizou-se no dia 13 de junho de 2020 na Reitoria da Universidade do Porto. A equipa editorial e, muito particularmente, os membros da revista presentes na entrevista agradecem ao Professor João Veloso a extraordinária oportunidade concedida que será certamente motivo de deleite dos leitores.

Antes de mais, gostaríamos de agradecer o facto de o Senhor Professor ter aceite o nosso convite, que foi particularmente especial, dada a relação que o Senhor Professor mantém com a revista eling^{UP}.

A nossa primeira pergunta é a seguinte: os primeiros trabalhos do Senhor Professor datam do princípio dos anos 90 e incidem já sobre a fonologia do português. Nesse sentido, quais foram as principais motivações que o fizeram escolher a fonologia como a sua principal área de estudo desde tão cedo?

Antes de mais, olá a todos. A honra é toda minha. Eu tenho muito carinho por este projeto da eling^{UP}, porque acompanho esta revista desde o primeiro número. A ideia partiu, em grande parte, de mim e de um grupo de pessoas que na altura trabalhavam comigo e teve o apoio unânime do CLUP desde o início. Os primeiros números eram muito artesanais! Eram feitos basicamente por mim e por um outro estudante, um colega vosso que entretanto já deixou a Universidade. Guardo muito boas memórias desse tempo. Que eu saiba, esta foi a primeira revista, publicada em Portugal, feita por e para estudantes de Linguística e acho que isso é uma marca distintiva importante. Eu sou um bocadinho nostálgico, dou sempre muita importância às memórias e às vezes até fico um bocadinho comovido quando vejo que a eling^{UP} existe há tantos anos. Houve ali um período de interregno de publicações em que a

revista esteve mais ou menos suspensa por vários motivos e, depois, quando ela foi reatada, eu fiquei muito contente e agora mais contente fico por ver que ela continua viva e muito ativa. E obrigado pelo convite! Quem está muito contente sou eu!

Os meus primeiros trabalhos creio que não eram bem na área da fonologia. Eram, sobretudo, na área da fonética, embora agora, relendo alguns deles – algo que, por razões que não vêm agora ao caso, tive de fazer recentemente (eu normalmente não releio os textos que publico) –, vejo que há ali algumas preocupações fonológicas em dois ou três deles. No entanto, no início, quando comecei na profissão académica, o que eu queria ser, na verdade, era foneticista. Isto tem a ver com vários motivos. A dada altura da minha vida, estudei um pouco de música, não a tempo inteiro, mas gostava muito de música e de estudar música. A dada altura, muitos anos antes de entrar na faculdade, até ponderei a hipótese de estudar música mais a sério, coisa que nunca sucedeu, felizmente!... para a música. Entretanto, fui aluno de Fonética da Professora Doutora Maria da Graça Pinto e o programa de Fonética que nós tínhamos na faculdade, naquela altura, que tem as áreas que ainda hoje são mantidas no ensino da Fonética aqui na FLUP, tinha uma forte componente de fonética acústica, que a maior parte dos meus colegas considerava intragável, mas de que eu gostava muito porque aquilo fazia uma certa ligação entre a acústica, o som em geral e a acústica musical. Depois, uma coisa que me atraiu muito na Fonética, no início, foi a parte mais científica, no sentido laboratorial e experimental, e tive a sorte de em 1992 ter tido, graças ao empenho da Professora Graça Pinto, uma bolsa do Instituto Sueco para estudar Fonética na Universidade de Estocolmo, com o Professor Francisco Lacerda. Portanto, houve ali uma série de condicionalismos que me levaram a ter uma verdadeira paixão pela fonética no início.

Eu lembro-me também de que em casa dos meus pais existia uma obra, que muitas famílias portuguesas tinham naquela altura, que era a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, que era a grande enciclopédia portuguesa e brasileira dos anos 70 e 80. Eu sempre gostei muito de ler. O meu maior prazer nas férias de verão, na adolescência, era ler. Eu lia dias inteiros. Eu acho que li mais naqueles anos do que depois, se calhar, no resto da minha vida e houve um verão em que eu li os volumes todos da Enciclopédia Luso-Brasileira, de A a Z, literalmente. Descobri que no meio de verbetes sobre personagens históricas, doenças de pele, datas históricas ou locais havia uns verbetes sobre línguas. Normalmente, línguas faladas no Brasil. Línguas que eu nem conhecia, também sobre línguas faladas em África ou na Austronésia. Os verbetes eram muito curtos, quase todos assinados por uma pessoa que eu só muito mais tarde é que vim a

saber quem era, o Professor Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra, que fazia num parágrafo muito curto uma descrição do que era uma língua: quais as suas principais características gramaticais, o número de falantes, quais os seus sons, etc. Na altura achei fascinante como é que se podia descrever uma língua tal como se descreve um objeto da realidade qualquer, uma espécie botânica ou algo assim. E esses verbetes tinham muita informação fonética. Falavam muito de noções fonéticas, que eu já conhecia vagamente das aulas de Português do ensino secundário e de que já gostava muito. Eu lembro-me de quando se estudava o texto literário do século XVI ou até de períodos anteriores e víamos que as palavras do português no século XIII, XIV, XV, XVI, no século XVII, etc., não eram exatamente iguais, nem na grafia, nem na pronúncia, nem, por vezes, no significado, e aquilo atraía-me muito. Do programa de Português da altura faziam parte umas noções de fonética histórica que nunca mais esqueci: aférese, síncope, apócope. Eu gostava muito daquela forma de olhar para a língua como uma manifestação sonora entre outras, como o canto dos passarinhos ou o som dos oboés.

Há aqui uma mistura entre biografia e outras coisas, mas foi isso que me atraiu muito para a fonética no início. Foi, por um lado, a ligação a uma parte mais laboratorial e material no estudo da língua e, por outro lado, esta ligação da língua e das línguas às manifestações sonoras, que me agradam muito. Eu gosto muito de silêncio, aliás, preciso muito de silêncio, mas também gosto muito de som de qualidade, gosto muito de música, gosto muito de ouvir os passarinhos e a língua e o seu estudo fonético têm muito a ver com isso.

A minha transição para a fonologia dá-se mais tarde.

Se o Senhor Professor fosse convidado a explicar a um leigo o que é a fonologia e quais as principais atividades de um fonólogo, como o faria?

Primeiro, começaria por dizer que a fonologia é um ramo da gramática. Quando nós estudamos, descrevemos e identificamos explicitamente as propriedades de uma língua, no senso comum e não só (mesmo, por exemplo, quando eu vejo alguns manuais ou materiais didáticos para o ensino do Português), normalmente pensamos na descrição gramatical da língua como uma descrição sobretudo das propriedades morfológicas e das propriedades sintáticas: o que é um sujeito, uma voz passiva, um nome, um adjetivo, um nome contável ou não contável, etc. Porém, não nos lembramos de que antes de podermos ter nomes, relativas, passivas, etc.,

precisamos de ter expressão sonora dessas estruturas e que essa expressão sonora, a um nível mais teórico e mais abstrato, obedece a regras e a princípios sistemáticos que mudam com o tempo, que são coerentes, explicáveis, que interagem com os domínios da sintaxe, da morfologia, da semântica, da pragmática, etc. Portanto, eu começaria por dizer isso. A fonologia é uma parte da gramática enquanto estrutura da língua e é a parte que se ocupa de como é que um produto fonético, isto é, um produto sonoro, pode ser aceite como um produto da língua A ou B, obedecendo a determinadas restrições, como por exemplo, o número de sílabas, padrões de acento ou combinação de fonemas. Uma forma relativamente simples e imediata de explicar isto é lembrar que, teoricamente, duas línguas podem ter exatamente as mesmas consoantes e as mesmas vogais, mas combinarem-nas de formas diferentes. Aliás, dito desta maneira talvez não seja imediatamente compreensível, mas pensemos nas línguas românicas, que, pelo menos ao nível das consoantes, têm inventários muito semelhantes, mas a forma como combinam essas é bastante diferente de língua para língua. Dou um exemplo muito simples: em português e em catalão existe uma consoante lateral palatal (/ʎ/). No entanto, em português esta consoante só aparece em início de sílaba (e nunca em início de palavra); já em catalão, o /ʎ/ pode ocorrer em início ou em fim absoluto de palavra. A fonologia estuda estas questões, encarando-as como verdadeiras regras gramaticais. Portanto, a fonologia é um ramo da gramática. Eu gosto da palavra gramática e vou usá-la muitas vezes nesta entrevista. A gramática não morde, a gramática não faz mal nenhum, a gramática é aquilo que governa as estruturas básicas da língua e uma parte dela é constituída por estas regras gramaticais.

Muitas vezes a fonologia surge associada a outras áreas de estudo como a geolinguística ou a dialetologia, procurando-se o mapeamento ou a tipologia sincrónica de determinada língua. Contudo, gostaríamos de perguntar qual o posicionamento que o Senhor Professor adota em relação à importância de um simultâneo enquadramento histórico-comparativo nos estudos das línguas.

Essa pergunta é muito interessante, como todas, mas não é só a fonologia que estabelece uma relação com a evolução e com a variação. A variação linguística, seja em função do tempo, no caso da variação histórica, seja em função do espaço, no caso da variação dialetal ou geográfica, ou mesmo a variação social, num sentido mais amplo, pode manifestar-se em todos os domínios da dita gramática, da gramática de que eu estava a falar há pouco. Na fonologia também. Aliás, Volume 11 | n.º 1 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

há um campo de estudos muito interessante, ao qual eu até gostaria de poder dedicar mais tempo - e espero um dia poder ainda fazê-lo (porque eu ainda tenho alguns planos para o futuro!) -, que é a chamada *fonologia variacionista*. A fonologia, como qualquer disciplina da gramática, tem assim uma espécie de pulsão para conceber a língua como um sistema mais ou menos fixo. Isto acontece em todas as ciências. Um físico, quando estuda as partículas que compõem este tampo da mesa, também só pode avançar na compreensão da matéria, se conceber que, dentro da imensa variação que existe, existem aspetos que têm de ser, pelo menos, concebidos como fixos até um certo nível de análise. A fonologia, a sintaxe, a semântica, a morfologia também têm que o fazer, isto é, têm que conceber a língua como algo que é relativamente estável, do ponto de vista de propriedades minimamente regulares, como regras fundamentais, inventários de unidades, etc. E a fonologia faz isso. Depois, há um segundo momento do estudo em que nós vemos que essas estruturas são moldáveis, são flexíveis, são adaptáveis. Quem estudou sociolinguística sabe que durante muitos anos o argumento clássico para a linguística não se ocupar muito da variação era o facto de a variação ser vista como caótica, imprevisível e assistemática, logo, não sendo passível de estudo científico. Porém, aquilo que a sociolinguística clássica veio mostrar é que essa visão é uma visão parcialmente falsa, pelo menos. Dentro da variação existem padrões, existem regularidades, existe uma forma de nós podermos estabelecer relações mais ou menos estáveis entre unidades e regras, que são minimamente cristalizadas na língua, mas que depois sofrem variação. Não podemos fugir deste tema e a fonologia é um dos ramos da linguística em que isso se passa. Se nós pensarmos bem, isto pode parecer um bocadinho presunçoso vindo de uma pessoa que estudou fonética e fonologia durante grande parte da sua vida, mas as principais disciplinas que contribuíram para o grande avanço e a grande afirmação científica da linguística no século XIX e início do século XX, pelo menos, foram a fonética e a fonologia. No século XIX, com os histórico-comparatistas e os neogramáticos, a fonética, a explicação das alterações fonéticas, a reconstituição fonética do indo-europeu, etc., eram os grandes debates que se faziam naquilo que é uma espécie de pré-linguística. Depois, após o livro fundador de Saussure, em 1916, a primeira disciplina linguística a ganhar desenvolvimento, afirmação e até estatuto de subdisciplina linguística foi a fonologia, com Trubetzkoy, no Círculo Linguístico de Praga. Esquecendo agora essa última parte da fonologia, o que é que a fonética estudava? Era principalmente a variação. Portanto, a ligação entre a fonética e a fonologia com a variação é uma ligação muito, muito antiga. O que os histórico-comparatistas, no fundo, faziam no século XIX era o estudo da variação fonética,

sobretudo da variação relacionada com a variação histórica. Mas também não podemos esquecer uma disciplina muito importante na transição do século XIX para o século XX e que depois, com a instauração do programa linguístico, ganhou contornos novos, que foi a dialetologia, o estudo da variação dialetal. Nós temos, em Portugal, casos de dialetólogos que foram muito importantes até para afirmação dos estudos linguísticos em Portugal. Estou-me a lembrar do Adolfo Coelho e sobretudo do Leite de Vasconcelos. E o que é que, p. ex., o Leite de Vasconcelos fez (entre muitas outras coisas)? Mapeou, fez uma primeira cartografia completa da variação fonética e lexical ao longo do território. Portanto, a ligação da fonologia e da fonética à variação, que hoje tem expressão muito importante num campo teórico de que eu já aqui falei, que é a chamada fonologia variacionista, é muito antiga e muito produtiva. Não sendo a variação estranha a nenhum domínio do estudo gramatical, no caso da fonologia essa relação existe e é muito antiga, é fundadora e é fundadora da própria linguística.

Por via das aulas do Senhor Professor, e também pelas intervenções públicas que vem fazendo ao longo dos anos, sabemos que Noam Chomsky teve um papel fundamental no seu trabalho e no modo como se posiciona cientificamente. Para além de O Conhecimento da Língua, que sabemos ser a sua obra de eleição desse autor, que outras obras de Chomsky e da tradição generativa considera serem de leitura obrigatória para um estudante de Linguística?

Obrigado pela pergunta, que é também uma pergunta que nos prenderia aqui por algum tempo. Eu conheci o nome do Noam Chomsky, se não estou enganado, nas aulas de Introdução aos Estudos Linguísticos, enquanto aluno de licenciatura. Portanto, estamos a falar do ano letivo de 1986/1987. Vejam lá, o que já passou desde aí! Nessa cadeira foi minha professora uma anterior entrevistada da eling^{UP}, a Professora Doutora Ana Maria Brito, que eu costumo dizer que foi a minha primeira professora de Linguística e, formalmente, foi mesmo. Foi talvez nas aulas da Professora Ana Brito que eu, pela primeira vez, ouvi falar do Chomsky num contexto em que o Chomsky era apresentado sobretudo como um sintaticista. Depois, mais tarde, pela aprendizagem contínua que nós vamos tendo nesta vida fui descobrindo e redescobringo o Chomsky e acho que li tudo o que o Chomsky escreveu, pelo menos até ao *Programa Minimalista* de 1995. O Chomsky que me influencia e que me formata é o Chomsky filósofo da linguagem. Nós sabemos que o Chomsky foi autor de dezenas ou centenas de estudos de descrição sintática, de acordo com modelos que o próprio foi reformulando ao longo da sua

carreira, e que eu não acompanhei muito, porque nunca estudei muito a fundo no domínio da sintaxe generativa formal. A parte da obra do Noam Chomsky que eu admiro muito e que me formata enquanto linguista encontra-se, repito, nas obras do Chomsky acerca do que é a linguagem, o que é a faculdade da linguagem, o que é o objeto de estudo da linguística e, portanto, é o tal Chomsky filósofo da linguagem e o Chomsky epistemólogo da linguística que me interessa muito. Aí há ideias que eu creio que continuarão a marcar-nos por várias décadas. A ideia de que a faculdade da linguagem realmente constitui ou corresponde a uma predisposição genética do Homo Sapiens, a ideia de que existe um sistema abstrato, ao qual Chomsky deu vários nomes, mas cuja designação mais conhecida será provavelmente a Gramática Universal, que restringe, que diz exatamente o que é que uma língua tem de ter e sobretudo o que é que uma língua não pode ter para ser considerada uma língua natural... Portanto, este tipo de ideias, que são anteriores a qualquer descrição linguística de um sintagma nominal ou de uma estrutura silábica, que estão vários níveis acima de um ponto de vista filosófico, se quisermos, são os contributos do Chomsky que eu consigo acompanhar e que me atraem muito. *O Conhecimento da Língua*, de 1986, é talvez o livro mais importante para mim em linguística contemporânea. Há uma parte sintática nesse livro, devo dizer, que eu não consigo acompanhar muito bem: estou a falar dos capítulos “sintáticos” da segunda parte do livro. Este livro, aliás, ilustra bem aquilo que eu estava a dizer há pouco. Por um lado, mostramos o Chomsky sintaticista e, por outro lado, o Chomsky filósofo da linguagem (no livro, a ordem é a contrária). E os capítulos de sintaxe desse livro são capítulos que eu dificilmente acompanho, como já disse, porque entram em tecnicismos e em análises a cujo estudo eu nunca dediquei tempo suficiente. A mim interessa-me sobretudo a outra parte (a primeira). Outros textos do Chomsky que eu considero marcantes são os de 1957 e 1965, as *Estruturas Sintáticas* e os *Aspetos da Teoria da Sintaxe*, pelo papel que tiveram no desencadeamento de um novo paradigma. Se nós pensarmos naquilo que Thomas Kuhn define como uma “mudança de paradigma”, o Chomsky operou uma verdadeira mudança de paradigma na Linguística nos anos 50 ao deslocar o objeto de investigação da linguística do estudo puramente descritivo dos dados para o estudo explicativo dos princípios subjacentes a esses mesmos dados. E esta é a grande ideia que eu recebo do Chomsky e da qual não abduco e que acho que ficará para a história científica, para a história da Humanidade. Há aquele célebre artigo de 1959, em que o Chomsky critica e contradiz o *Verbal Behavior* do Skinner. Esse é talvez o grande texto da linguística chomskyana e da linguística por extensão. São textos que me marcaram muito. Nós vivemos

até aos anos 50 na ideia de que a linguagem era apenas um comportamento externo, era apenas um conjunto de manifestações verbais externas, a aprendizagem da língua e a aquisição da linguagem era equacionada como imitação e, numa recensão crítica, Chomsky consegue desconstruir um edifício intelectual inteiro. São textos que me marcaram muito e que eu acho que ficam como património da Humanidade.

Dentro da gramática generativa - eu sei que ele agora está muito mal visto por motivos até ideológicos e políticos - eu sou ainda um leitor muito assíduo de Steven Pinker (na verdade, um psicólogo de base) e o seu livro *O Instinto da Linguagem*, de 1995 se não estou em erro, é também um livro que, não sendo um livro científico propriamente dito, mas um livro de divulgação, explica de uma forma muito cientificamente fundada que a maior parte das propostas científicas do chomskyanismo mais clássico são biológica e cognitivamente plausíveis. Há também um livro de um linguista português, o Professor Eduardo Paiva Raposo, chamado precisamente *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem* que faz uma apresentação muito completa e muito original do contributo do Chomsky para a nossa maneira de olhar para a linguagem e nos ajuda a compreender todas as ideias centrais da linguística teórica desenvolvidas à luz do pensamento generativista.

Já agora, se me permitem assim muito brevemente, o Chomsky tem um papel muito importante como crítico de algumas facetas do nosso modo de viver, das nossas organizações sociais, daquilo a que nós chamamos, às vezes um bocadinho catequeticamente, “o Ocidente”. Eu não sei como é que ele tem tempo, mas o Chomsky, além de ser um brilhante filósofo, um brilhante linguista e um brilhante sintaticista, é um espectador e um crítico muito atento da História Contemporânea. Vocês não são desse tempo, mas eu lembro-me, por exemplo, na altura em que Timor-Leste estava ocupado pelo exército indonésio com o beneplácito mais ou menos implícito de alguns países, como, por exemplo, os Estados Unidos da América, que o Chomsky era, nos Estados Unidos, das poucas vozes que se erguiam contra o apoio mais ou menos velado do governo americano à ocupação indonésia. Isso cria em mim uma reação de grande simpatia. Em relação a algumas questões como umas certas formas de exploração capitalista mais feroz do ser humano por outros seres humanos, aspetos da organização social dos estados muito ao serviço dos lucros das grandes empresas, a questão dos negócios, da forma como nos Estados Unidos e noutros países (mas nos Estados Unidos sobretudo, porque o Chomsky é um americano que conhece bem o seu país), as políticas públicas são muitas vezes subordinadas a interesses das grandes indústrias, sejam farmacêuticas, sejam militares, sejam de outra natureza

– o Chomsky tem sempre um olhar muito crítico e fundamentado, que dá origem a livros, conferências, entrevistas, etc. O Chomsky escreve mesmo muito sobre estas questões. Aliás, o público em geral hoje conhece bem o Chomsky, ao contrário do que acontecia há alguns anos, e eu devo dizer também que, não alinhando obviamente em todas as críticas e em todas as posições que o Chomsky tem, também sou um leitor do Chomsky político. Eu considero que o Chomsky é uma das grandes figuras da Humanidade precisamente por isto, porque na sua ciência operou uma mudança de paradigma total e enquanto observador da realidade deixa textos muito reflexivos e muitos importantes que ficarão para a História do pensamento mundial. Eu não gosto muito da palavra génio, mas ele é sem dúvida um ser de exceção, é um ser excepcional.

Como é que o Senhor Professor vê a importância de sair da caixa, mas também de olhar muito especificamente para certos pontos do conhecimento?

Ora bem, eu, tirando aulas de Fonologia que tive na Faculdade de Letras durante a minha licenciatura em que foram abordados tópicos fonológicos, nunca frequentei formalmente, enquanto estudante de doutoramento, p. ex., seminários só de Fonologia ou Fonologia Teórica e considero-me uma pessoa que sabe de Fonologia! Não estou a dizer que sei tudo de Fonologia, ninguém sabe tudo de nada, mas sei bastante de Fonologia. No entanto, a minha formação fonológica é muito autodidata. Esse autodidatismo trouxe-me algumas vantagens. Por exemplo, levou-me a descobrir correntes e autores que nem sempre são os mais representados na Universidade e na Universidade portuguesa em particular... Levou-me a ler textos mais antigos, que já tinham propostas que hoje estão a ser às vezes tomadas por alguns autores, levou-me a ler textos em várias línguas. É claro que no meu caso foi um autodidatismo muito suportado pelo “heterodidatismo” de outras áreas da linguística. Eu li muito sobre fonologia e investiguei muito sobre fonologia depois de ter aprendido, em aula e em contexto curricular, muitas matérias de outras áreas da linguística. O que o autodidatismo pode trazer é uma abertura de horizontes muito grande. Quando uma pessoa frequenta um curso ou uma disciplina, seja em fonologia ou noutra área qualquer dentro ou fora da linguística, seguindo um plano curricular fixo, que tem determinados conteúdos e determinada distribuição temporal desses conteúdos, dificilmente conseguimos escapar dessa ementa. É quase como um menu de um restaurante. Quando nos aventuramos por nossa conta e risco num determinado domínio, somos muitas

vezes até obrigados a tatear no escuro e a descobrir pontinhos de luz onde, às vezes, não suspeitávamos sequer que eles existiam. É claro que também existem riscos, tais como perder conhecimentos fundamentais ou perder tempo com hipóteses que foram já dadas como erradas. Mas seja através do autodidatismo, seja através de outra forma qualquer de obter conhecimento, o importante é mesmo o conhecimento: trabalhar o conhecimento, honrar o conhecimento, aprofundar o conhecimento. Ainda bem que o livro de Chomsky de que eu mais gosto se chama *O Conhecimento da Língua*. A palavra *conhecimento* para mim é uma palavra preciosa, é um tesouro mesmo.

Na tese de doutoramento do Senhor Professor, defendida em 2004, são apresentadas evidências da influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico dos falantes nativos de Português. Quais julga serem as ilações mais importantes desse trabalho? E perante uma crescente desmotivação dos jovens perante a atividade da leitura, que consequências perspectiva para os falantes no que diz respeito ao seu conhecimento linguístico e, mais concretamente, fonológico?

A ideia da influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico, portanto, aquilo que eu proponho nessa tese e que depois fui retomando noutros trabalhos, é que os sujeitos que conhecem a representação ortográfica das palavras têm representações fonológicas dessas palavras por vezes diferentes das dos sujeitos sem conhecimento da representação escrita e isso manifesta-se, por exemplo, a nível de tarefas de processamento da fala, processamento da linguagem, de manipulação de material linguístico. Esta é uma ideia um pouco *anti-chomskyana*, portanto há aqui uma certa contradição que eu atribuo, mais uma vez, a um certo autodidatismo que me ajudou a formar-me e a tornar-me no linguista que sou. Mas não só. Há uma outra coisa que eu ainda não referi, mas que, antes de avançar na resposta, gostaria de dizer. Nós somos fruto das circunstâncias da nossa vida ao longo das várias etapas dessa vida e eu fui aluno de licenciatura e depois fiz a minha carreira praticamente toda na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde fui aluno de alguns professores na altura muito conhecidos e muito influentes. Nessa época era fomentado, de forma muito especial, um certo *ecletismo*: os alunos eram explicitamente incentivados a, perante um problema, conhecerem várias interpretações, por vezes contraditórias e conflituosas entre si, a verem que um problema ou uma questão em Ciência não tem unicamente uma e só uma explicação possível. Nós éramos

incentivados a não nos prendermos a uma teoria, a um autor, a um quadro teórico, a uma escola de pensamento. Isso deveria surgir mais tarde, em função do tempo e em função da análise crítica que éramos incentivados a fazer. E eu considero-me - e com muito orgulho, devo dizer - um herdeiro dessa atitude muito típica da FLUP dos anos oitenta e noventa sobretudo, porque, em linguística, como em qualquer ramo do conhecimento, há muitas vezes, e sobretudo hoje, por causa do imediatismo, por causa da necessidade de termos sempre uma resposta imediata e categórica para tudo, o modelo Google. Quando nós perguntamos qualquer coisa ao Google - por exemplo, “Em que ano foi a batalha de Hastings?” -, o Google nunca nos diz “Não sei”. O Google em dois segundos dá-nos um milhão de informações. Nós, os seres humanos, não somos assim e ainda bem que não somos assim. Nós temos que procurar, temos de duvidar e, antes de ter algum vestígio de certeza, temos de ter muitas perguntas e muitas dúvidas.

Há um bocado eu estava aqui a assumir-me como um *chomskyano* ao nível da conceção geral da linguagem e daquilo que é a linguagem. Ora, apesar disso, nessa tese de doutoramento, a minha ideia central é razoavelmente *anti-chomskyana*. Porque o que é que eu proponho? É que a experiência cultural dos sujeitos – mais concretamente, a alfabetização – pode interferir com aspetos fulcrais do conhecimento fonológico; e, se nós formos a adotar o modelo *chomskyano* puro e duro, isso não poderia ocorrer, porque o tal conhecimento da língua que dá título ao livro de 1986 é um conhecimento o mais independente possível da experiência cultural. Portanto, aquilo que eu tentei fazer, numa atitude de independência do espírito, foi mostrar que, em certos aspetos, isso nem sempre é assim. De resto, há um texto antigo de Chomsky (de 1984, acho eu), que eu cito na tese, em que ele distingue a chamada “Gramática Nuclear” da chamada “Gramática Periférica”. O próprio Chomsky depois admite que nos aspetos centrais do conhecimento da língua essa influência cultural não se dá, mas, relativamente aos aspetos periféricos, ele dá um exemplo, que é relativamente trivial e discutível mas é o que ele dá, que é o léxico: o número de palavras que nós conhecemos difere grandemente de sujeito para sujeito em função por exemplo da escolaridade, da profissão, da cultura literária, etc. A principal ilação que eu tiro é esta: realmente, há aspetos do conhecimento da língua que podem sofrer a interferência ou podem ser, de certa forma, recondicionados pelo conhecimento e pela experiência cultural, como por exemplo, o conhecimento ortográfico. Do ponto de vista teórico, isto terá algum impacto, que eu nunca avaliei muito; do ponto de vista da observação de sujeitos em tarefas de processamento linguístico, isso tem efeitos muito importantes.

Há aqui um aspeto que eu gosto também muito de realçar, que é o seguinte: nós, na nossa tradição gramatical ocidental (portanto, na tradição que vem, sobretudo, de Saussure e dos primeiros estruturalistas), temos muito a ideia de que as representações escritas são objetos alienígenas dentro da linguística. Os verdadeiros objetos linguísticos são as representações sonoras das palavras, as realizações fonéticas, o que não deixa de ser verdade. Obviamente isso é verdade e há aqueles argumentos clássicos que mostram que antes de haver escrita já havia línguas orais e que todos os seres humanos falam pelo menos uma língua, mas só aqueles sujeitos que foram à escola é que a sabem escrever. Esses argumentos mostram realmente que existe uma espécie de primado do oral, mas a barreira muito categórica que é traçada, por exemplo, por Jespersen, um linguista estruturalista dinamarquês do início do século XX, dizendo num dos seus livros que a representação escrita não tem qualquer interesse para a linguística, é uma ideia que nós poderíamos com alguma vantagem refazer. Se nós formos olhar às gramáticas orientais, a ideia é completamente diferente. Os gramáticos do chinês, quer os clássicos quer os contemporâneos, não fazem distinção entre o que é a palavra sonora e a palavra escrita. Aliás, a palavra para *palavra* e a palavra para *símbolo escrito* é a mesma: *hanzi*. Todas as gramáticas do chinês reservam capítulos longuíssimos à forma de decompor e analisar os símbolos escritos. Assim como nós decomparamos morfológica ou semanticamente uma palavra, os símbolos escritos na gramática chinesa são também decompostos de forma muito analítica e sistemática: os “radicais pictográficos” que indicam “humano”, “líquido”, “lugar”, “telhado”, “vegetal”, “família”, etc., combinam-se todos dentro do mesmo caractere. Portanto, eu creio que se o trabalho que eu fiz para o meu doutoramento me amoleceu um bocadinho, foi de alguma forma em não ver estas duas realidades (representação fonológica interiorizada pelos falantes e conhecimento da forma gráfica) como realidades completamente separadas entre si. É certo que, ontologicamente, a escrita e a fala são realidades diferentes, mas nós, quando as estudamos, em algum momento, não estou a dizer que seja sempre e que seja obrigatório, temos que encontrar relações entre elas, relações essas, aliás, que estão estudadas em várias abordagens.

Quanto à motivação para a leitura dos jovens, penso que há outras áreas e outros estudos que exploram melhor isso porque na minha tese de doutoramento a conceção de leitura e de escrita que eu tinha era muito a leitura e a escrita de palavras e a relação entre grafemas e fonemas. A Professora Graça Pinto tem uma distinção entre “Leitura-Decifração” e “Leitura-Compreensão” e eu situo-me, naquela tese, na leitura-decifração e não na leitura-compreensão. Relativamente

à pretensa motivação ou desmotivação dos jovens (e dos não jovens) para a leitura, eu não sou tão pessimista assim. Eu, se calhar, vou dizer uma coisa que é impressionista e posso estar profundamente errado: eu acho que nunca se leu tanto como agora. O que é que as pessoas hoje não leem ao contrário do que sucedia com pessoas da minha geração, da geração dos meus pais? Se calhar, não leem romances de 500 páginas numa férias de verão, embora continue a haver muita gente que o faz, e ainda bem (esse é um dos meus vícios, aliás). Mas as pessoas hoje estão imersas num mundo de escrita. Hoje em dia, pessoas da vossa geração, estudantes universitários, passam o dia a trocar mensagens no WhatsApp, a ir ver páginas da internet, a ir buscar informação. Nós temos agora um cérebro portátil: se queremos saber a capital de um país qualquer, vamos ao telemóvel, vamos ao Google, e isso tudo faz com que contactemos com a versão escrita da palavra, da linguagem. Eu acho que se lê muito, não se lê é as mesmas coisas da mesma forma como se lia há algum tempo. Há aquele célebre relatório, que saiu aqui há tempos, que dizia que, no ano de 2021 acho eu, a maior parte dos portugueses não leu um único romance. Eu não sei se esse inquérito, se fosse feito há 50 anos, no tempo da ditadura, por exemplo, em que as percentagens de analfabetismo em Portugal eram assustadoras, altíssimas, iria mostrar uma percentagem maior. Nós não podemos esquecer que, hoje, não há adultos que não saibam ler em Portugal. Nós estamos a falar de um país onde os adultos têm taxas de alfabetização próximas dos 100% e há 50 anos os valores não chegavam a metade disso. E, depois, relativamente à leitura lúdica, há um aspeto que eu não posso deixar de referir. Eu sei que não é o que explica tudo, mas, como vocês sabem tão bem como eu, os preços dos livros são proibitivos. Se vocês forem a uma livraria qualquer e quiserem comprar um livro novo publicado em Portugal, não há livros que custem menos de 18, 20, 25 euros. E se eu quiser comprar 3 livros para as férias, são 75 ou 80 euros. Para muitas pessoas, isto não é dinheiro; para muitas pessoas (talvez a maior parte), isto é dinheiro. É claro que nós temos uma boa rede de bibliotecas municipais, onde as pessoas podem ler gratuitamente, mas aí já entramos nouro tipo de questões. Eu, nesta questão, não sou muito pessimista. Para já, não acho que as pessoas devam ler por obrigação. Em segundo lugar, acho que temos que pensar que o analfabetismo desapareceu praticamente em Portugal e que isso é importante e louvável. E as pessoas que hoje sabem ler ou escrever podem não saber ler o Dostoiévski, podem não ter o hábito de ler “um Flaubert” durante o fim de semana, mas lêem outras coisas e a informação escrita digital, que vem nos computadores, nos telemóveis, é a principal fonte de informação. Antigamente, na minha infância, eu e muitos colegas de geração sabíamos muita coisa que se passava e que se

tinha passado no mundo através de programas de televisão excelentes (que entretanto também acabaram). Era a televisão que nos dava essa informação. Hoje é a internet, e à internet acede-se através da leitura.

É claro que eu não estou aqui a dizer que a devemos abandonar, até porque como académico nem poderia dizer uma coisa dessas. Como linguista, os grandes textos da linguística em áreas como aquelas em que eu me movo são textos muito densos, que exigem um grande poder de concentração, um grande poder de abstração, um grande poder de relacionamento de conteúdos opacos. Isso talvez se tenha perdido um pouco, mas creio que ainda estamos a tempo de recuperar. Eu estava a falar agora da leitura não escolar ou não profissional. Obviamente, como licenciado em Literatura, o meu passatempo ainda continua a ser a leitura lúdica, para mim nada substitui a leitura de um romance bem escrito. Aí sou muito conservador: um romance com um enredo, com personagens, com tempo, com espaço. Tenho pena que não haja mais adesão a esse tipo de produtos, mas não dramatizo assim muito. Tenho a certeza de uma coisa (e esta é uma discussão em que eu me envolvo muitas vezes): há muita gente que tem um certo temor de que o livro em papel desapareça. Eu próprio, atualmente, leio toda ou quase toda a literatura técnica em formato digital, mas para a leitura literária não abduco do papel e acho que essa vai ser a salvação da publicação em papel - a literatura. Digam-me o que disserem – e agora posso parecer um bocadinho bota de elástico a dizer isto -, mas ler um romance, ou uma novela, ou um poema em papel e poder sublinhar, dobrar, mostrar, levar para a praia, levar para o parque, estar a ler na cama debaixo dos cobertores... Isso não se substitui. Isto é uma opinião e as opiniões valem o que valem, mas para mim o futuro da publicação em papel está na publicação literária.

O Senhor Professor tem-se dedicado ao estudo de variados temas da Fonologia do Português, debruçando-se sobretudo sobre os aspetos suprasegmentais da língua. Atualmente, que temas mais o têm interessado e, relativamente ao enquadramento teórico, continua a ser a Fonologia dos Elementos a sua corrente de eleição?

É. Eu não sei se tenho privilegiado tanto assim as estruturas suprasegmentais. Houve, é certo, uma certa fase da minha produção em que eu trabalhei muito sobre estruturas silábicas do português. Nos últimos anos, não tem sido tanto essa a minha preocupação. Ao nível das estruturas suprasegmentais, eu tenho trabalhado sobretudo questões relacionadas com acento

e proeminência, quer acento principal, quer acento não-principal. É uma das áreas em que eu ainda tenho as tais dúvidas que fazem avançar o conhecimento, ainda tenho muitas dúvidas. Relativamente ao acento, estive a dirigir um projeto muito pequeno com financiamento da Fundação Gulbenkian que terminou no ano passado. Os resultados ainda não estão completamente publicados, mas sobretudo tentam defender - e em linha com alguns fonólogos, quase todos fora de Portugal - que o português é uma língua sensível ao peso silábico, isto é, a atribuição de proeminências, nomeadamente no acento principal de palavra, é fortemente dependente da estruturação silábica de certas sílabas dentro da palavra. Portanto, tenho defendido que, ao contrário do que se lê na literatura mais canónica acerca do português, o português é uma língua sensível ao peso silábico, com a proposta adicional de que esse peso seja uma função não apenas da ramificação da rima. Nas perspetivas mais clássicas sobre este problema, as sílabas dividem-se em leves e pesadas, fundamentalmente por um critério: ramificação ou não ramificação da rima. As sílabas abertas seriam sempre leves e as sílabas fechadas seriam pesadas. Eu tenho proposto em algumas publicações (algumas delas ainda estão em fase de avaliação e outras à espera de publicação) que há outras variáveis, pelo menos em português e em línguas tipologicamente aparentadas com o português, que condicionam o peso silábico, por exemplo, a sonoridade da vogal, a abertura da vogal, a complexidade estrutural dos segmentos. Eu tenho defendido que existem consoantes intrinsecamente mais complexas do que outras, nomeadamente, por conterem, além das especificações tradicionais de modo e ponto de articulação, uma informação adicional de ordem autosegmental. Aqui tenho trabalhado muito na questão da palatalidade: as consoantes palatais são estruturalmente mais pesadas. Portanto, tenho defendido que o peso não é uma propriedade só da sílaba, mas é uma propriedade que pode ser de alguns segmentos, nomeadamente das vogais abertas e das consoantes palatais. Nas sílabas em que nós encontramos vogais abertas e consoantes palatais, vamos encontrar um efeito de peso. O peso transita, digamos, do segmento para a sílaba e depois da sílaba para o acento. As minhas investigações mais recentes tentam conjugar informação segmental, autosegmental e suprasegmental e creio que tem sido essa a nota dominante dos meus últimos trabalhos. A Fonologia dos Elementos, que concebe todos os segmentos como uma combinação de primitivos fonológicos que são universais e que são muito escassos, continua a ser a minha teoria de eleição, sobretudo para a explicação das vogais. Como disse numa conferência que apresentei ao Encontro Anual da Associação Portuguesa de Linguística em 2020, e mantenho essa posição, tenho algumas dúvidas de que, para a explicação das

consoantes, os elementos da Fonologia dos Elementos (sobretudo na perspectiva de Schane e Backley), sejam tão produtivos ou mesmo adequados (ao contrário do que defendo para as vogais). Contudo, a minha opção pelas explicações elementaristas tem a ver sobretudo com dois aspetos: em primeiro lugar, as explicações elementaristas fornecem-nos descrições simultaneamente muito económicas e muito potentes do sistema vocálico da língua; e, depois, têm repercussões, por exemplo, neste aspeto da medição do peso segmental e, por arrastamento, do peso silábico. Portanto, há aqui uma triangulação entre questões suprasegmentais, questões segmentais e questões autosegmentais e, no meio, a assegurar o diálogo entre estes três vértices, encontramos a Fonologia dos Elementos que fornece, a meu ver e de acordo com os trabalhos que eu tenho publicado, explicações satisfatórias para estas três grandes questões da fonologia do Português e de outras línguas: como é que nós construímos segmentos? Como é que esses segmentos construídos com os elementos depois se vão comportar prosodicamente? Como é que algumas propriedades autosegmentais se projetam em propriedades segmentais e prosódicas? Estou a trabalhar bastante nestas questões e gostava de ter publicado mais ainda sobre isto, mas não tenho tido as melhores condições para publicar tanto quanto gostaria e quanto deveria. No entanto, tenho muitos resultados que espero poder partilhar muito em breve sobre estas questões.

A fonologia lida essencialmente com as representações mentais e abstratas dos sons da fala. A aceitação dessa premissa tem potenciado um crescente interesse pelo estudo da fonologia das línguas gestuais. Como fonólogo de línguas orais, como observa esse desenvolvimento e que perguntas gostaria de ver respondidas em relação à Fonologia das línguas gestuais?

Essa é uma pergunta para mim difícil por dois motivos. Primeiro, porque eu não sei muito sobre línguas gestuais. Segundo, porque continuo com uma dúvida que eu sei que já está mais do que esclarecida e documentada, e portanto esta dúvida até se calhar é mais uma “emburrância” (riso) minha do que uma dúvida, mas continuo não inteiramente convencido de que as línguas gestuais sejam passíveis de descrição com base nos mesmos princípios a partir dos quais descrevemos as línguas orais. Eu ainda não estudei devidamente o assunto. É uma das questões em que eu assumo a minha total ignorância, portanto, não sei o suficiente para ter uma opinião muito fundada sobre o assunto. Sei que este assunto é muito pacífico para muitos linguistas, também sei que não é nada pacífico para outros linguistas. Eu, como não tenho conhecimento suficiente,

não me posiciono muito aí. No entanto, a fonologia trata, como dizem na pergunta, de representações mentais. Essas representações mentais têm uma particularidade muito interessante: ao contrário das representações mentais da sintaxe, da semântica e de outras áreas, elas são diretamente relacionáveis com objetos fonéticos, físicos, acústicos, articulatórios. Portanto, quando dizemos que o traço [+/- vozeado] tem uma representação mental, há também algo na anatomia do ser humano, neste caso a vibração ou não vibração das cordas vocais, que materializa imediatamente essa entidade tão abstrata. Portanto, a fonologia tem uma relação, talvez indireta, mas óbvia, com objetos físicos, acústicos, fonéticos. Não vejo onde é que essa relação possa existir numa língua que por natureza é desprovida de som. As línguas gestuais caracterizam-se precisamente por não terem representação sonora. Têm outro tipo de representação física - visual, gestual, cinética. Creio que quando se fala de “fonologia das línguas gestuais”, estaremos a falar de fonologia num sentido de tipo metafórico. Estamos aqui a fazer uma espécie de equivalência simbólica, figurada, entre duas coisas que para mim são um bocadinho difíceis de relacionar, porque a fonologia, que é filha da Fonética, ocupa-se de sons, ainda que longinquamente e indiretamente. Se eu quiser metaforizar e dizer que a fonologia das línguas gestuais (que eu não sei exatamente o que é) é o estudo de alguns traços semelhantes aos traços que se combinam para dar origem aos fonemas, mas sem expressão sonora, então a fonologia serve para tudo. Não sei sinceramente o que responder à pergunta, creio que tratar-se-á de uma metáfora. Vejo, apesar de tudo, uma relação mais direta entre a morfologia e a sintaxe das línguas orais e a morfologia e a sintaxe das línguas gestuais, de forma mais fácil do que no domínio da fonologia, por causa deste requisito “sonoro”, digamos. A fonologia, embora não trate de objetos sonoros, trata de objetos sonoros (risos). Isto é uma contradição, mas é o que é. Portanto, em última análise, aquilo que a fonologia estuda são as propriedades de objetos sonoros, propriedades gramaticais de objetos que têm realização sonora obrigatória. Ora, não havendo objetos sonoros nas línguas gestuais por definição, só posso entender a fonologia das línguas gestuais como uma comparação metafórica, figurada, entre outras coisas. Mas ressalvo, mais uma vez, que não sei o suficiente para dizer muito sobre o assunto e tenho certeza que há quilómetros de literatura publicada sobre o assunto que eu não conheço.

Tanto por via da sua formação quanto em textos autorais, o Senhor Professor demonstra um forte interesse pela língua latina. Nesse sentido, como é que avalia a importância do

conhecimento e do estudo do latim no trabalho de um linguista especializado em língua portuguesa?

O conhecimento de estádios passados da língua e o conhecimento de outras línguas é sempre uma fonte de informação muito importante no trabalho linguístico, seja do português, seja de qualquer outra língua. Quando estamos a fazer trabalho sobre, por exemplo, o checo, será interessante comparar o checo com outras línguas da mesma família, e, se possível, com estádios anteriores do checo e com as línguas que deram origem a essas línguas... Portanto, a comparação do português com outras línguas românicas, com estádios passados do português e com línguas que antecederam o português, como o latim, é sempre uma fonte informativa importante. Ajuda-nos, às vezes, a perceber por que é que certas estruturas aparecem ou não aparecem. Mas tenho que dizer o seguinte: não há uma relação direta de causa e efeito, em que tudo o que existia ou não existia no latim determina tudo o que existe ou não existe no português. O português é uma língua que deriva do latim, obviamente, mas que ao longo dos séculos também se foi construindo por pressão de mecanismos gramaticais internos e por contacto com outras línguas. E vou dizer agora uma coisa que vos pode parecer um bocado herética: na verdade, não é absolutamente essencial conhecer o passado de uma língua ou uma língua anterior a uma outra língua para podermos estudar essa língua. Se assim fosse, poderíamos dizer que só poderíamos estudar latim se conhecêssemos o indo-europeu e só poderíamos estudar o indo-europeu se conhecêssemos o proto-sapiens. Por acaso, no caso das línguas românicas, nós até sabemos qual é a língua que dá origem a todas elas e dessa língua temos muitos vestígios escritos, temos textos literários, temos gramáticas publicadas. Mas imaginemos línguas como as línguas faladas no continente americano antes da colonização europeia: as línguas ameríndias. Sobre essas línguas, nós não temos praticamente informação etimológica nenhuma, nenhuma indicação paleo-linguística e não é por isso que não há estudos linguísticos dessas línguas. O conhecimento do passado da língua é um facilitador e o conhecimento das línguas que deram origem a outras línguas é bom e tem poder explicativo. E é um ato de conhecimento, e qualquer conhecimento, como eu já disse noutra passo da entrevista, é sempre importante. Conhecer é a coisa mais importante da vida. Portanto, o conhecimento histórico é um conhecimento que nos enriquece, mas queria dizer isto também com muita clareza: ele não é absolutamente essencial e indispensável para a descrição sincrónica de uma língua. Eu conheço muitos linguistas que são excelentes linguistas do

português e que têm conhecimento muito escasso do latim. E há muitos aspetos da gramática do português que não são diretamente explicáveis pela gramática do latim. Dito isto, como sabem, eu sou um latinófilo, e já publiquei vários textos sobre isso. Assino todos os abaixo-assinados que apareçam à minha frente para reintroduzir o latim no ensino secundário! Eu acho que o ensino do latim, assim como o ensino do grego, deveriam ter uma expressão muito maior no ensino secundário em Portugal, como já tiveram noutros tempos e como continuam a ter noutros países. Mas não é só pela questão linguística em si, é porque realmente, no caso dos países europeus e sobretudo dos países mediterrânicos, é em latim e em grego que foram escritos os principais textos literários, filosóficos, políticos, éticos, que formatam este nosso modo de estar no mundo e que explicam por que é que as culturas europeias – e, dentro das europeias, as sul-europeias de forma muito especial - são diferentes de sistemas culturais que nós encontramos noutras partes do mundo. Eu tenho sinceramente pena, desgosto e até uma certa revolta por hoje já não se ensinar latim em praticamente nenhuma escola. E julgo que é fundamental para uma cultura humanística robusta nós termos conhecimento do latim, sobretudo, e do grego também. Defendo que estas duas línguas tenham uma expressão maior no nosso ensino secundário e no nosso ensino superior. Mas também podemos ver alguns pontos positivos relativamente a esta questão. Neste momento, na Faculdade de Letras do Porto, no curso de Línguas, Literaturas e Culturas existe um perfil de Português e Línguas Clássicas. Quando eu fui estudar para a Faculdade de Letras, no final do meu ensino secundário, ainda ponderei estudar Línguas e Literaturas Clássicas. E, realmente, a minha disciplina favorita da licenciatura, apesar de a Fonética também o ter sido de alguma forma, foram os dois anos de Latim que eram obrigatórios. E era latim a sério! A traduzir Cícero e Horácio, a dar fonética histórica do latim, morfologia histórica do latim... Portanto, o ensino do latim nessa altura era um ensino - para os alunos de Português/Francês, que era o meu caso - muito difícil e muito aprofundado e eu sempre gostei muito disso. Nessa altura, não optei por uma licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas porque isso ter-me-ia obrigado a ter que mudar de cidade e ter que ir viver para Coimbra ou Lisboa e eu, por razões pessoais e familiares, preferi não o fazer. Hoje em dia, alguém que queira obter uma licenciatura com uma componente mais forte de Estudos Clássicos não precisa de sair do Porto. Por isso, para resumir e para voltar ao cerne da questão: o conhecimento de estádios passados da língua e das línguas que deram origem a outras línguas é sempre uma vantagem explicativa em linguística, mas não é completamente imprescindível. Há muitas línguas de cujo passado nós não conhecemos praticamente nada e

isso não impede que se faça um estudo descritivo dessas línguas. As línguas africanas e as línguas ameríndias são casos muito sintomáticos disso. Além disso, nem tudo se explica na gramática do português, e aqui incluo a fonologia, pelo latim. Explica-se em parte pelo latim mas não exaustivamente pelo latim. Por exemplo, a redução vocálica - o facto de haver vogais diferentes em posição tónica e em posição átona e as vogais átonas serem em menor número e serem sujeitas a apagamento -, que é um fenómeno fundamental do português europeu, é um fenómeno que está disponível para um grande conjunto de línguas do mundo. Há uma distinção categórica famosa entre línguas silábicas e línguas acentuais. Nas línguas silábicas encontramos línguas que têm o latim como mãe e línguas que não descendem do latim e nas línguas acentuais *idem*. Portanto, não existe uma relação determinística, como às vezes certas pessoas parecem querer continuar a ver, entre o português e o latim. Faz lembrar aquela estrofe d' *Os Lusíadas* em que Vénus dizia que o português, por pouca “corrupção”, era uma sobrevivência lírica do perfeito latim. É uma ideia bonita, como todas as ideias do Camões, mas é uma ideia que linguisticamente não tem grande validade. Eu defendo o regresso em força do latim às nossas escolas, do conhecimento do latim. Fico muito irritado quando ouço as pessoas às vezes, por exemplo aqui na Universidade, a dizerem palavras como *alumni* e pronunciá-las como [a'lumnaj], a não distinguirem *a posteriori* de *a priori*... São coisas que me irritam, pronto, nós todos temos direito a algumas irritações. Mas o conhecimento do latim para mim tem mais um interesse cultural e intelectual geral do que um interesse específico para a linguística do português. Não estou a dizer que não tem interesse para a linguística do português: tem, mas não é absolutamente imprescindível, obrigatório.

Nesse sentido, o Senhor Professor acredita que, analogamente, o estudo de línguas estrangeiras, agora modernas, tem esse papel mais de facilitador que não é necessariamente essencial? Que um linguista monoglota não é uma contradição, mas uma possibilidade?

Sim, conheço dezenas de linguistas verdadeiramente geniais, que se dedicaram toda a vida ao estudo de uma língua e que não falam senão essa língua, normalmente a sua língua materna. Os linguistas americanos, por exemplo, que nunca analisaram outra língua que não fosse o inglês... Como sabem, o multilinguismo nos Estados Unidos não é assim uma coisa muito valorizada socialmente. É claro que se nota depois que, quando um linguista conhece outras línguas e consegue fazer comparações, tem algumas vias para chegar a certas conclusões mais facilitadas.

Mas hoje em dia, também graças à linguística computacional, à linguística de corpus e à tipologia linguística, é possível fazer comparações seguras, cientificamente validadas, entre línguas, sem que seja necessário ter uma conversa fluente nas línguas de que nos servimos em trabalhos de investigação. Essa ideia romântica do linguista como uma pessoa que fala fluentemente várias línguas, é uma ideia muito romanesca! Há linguistas que só conhecem uma ou duas línguas e só trabalham sobre essas línguas. Outros linguistas conseguem fazer comparações muito sólidas entre línguas sem as falarem, porque nós hoje temos instrumentos científicos que nos permitem fazer isso. Bases de dados como o WALS ou o PHOIBLE, muito usadas em tipologia fonológica, em tipologia sintática, etc., permitem-nos saber, por exemplo, quantos milhares de línguas existem com uma ordem SVO ou SOV, não havendo ninguém que fale ou conheça todos aqueles milhares de línguas. Portanto, o conhecimento linguístico pode ser um facilitador. Eu sou um adepto do multilinguismo, eu próprio falo várias línguas e gosto. Aprender línguas é um passatempo que eu tenho e isso tem alguma coisa a ver com o facto de eu ser linguista, mas podia perfeitamente ser linguista sendo um falante monolíngue de uma língua. Portanto, sim, conhecer línguas facilita, mas não é estritamente necessário.

Para além de se dedicar à linguística, o Senhor Professor cultiva também um gosto especial pela música, tendo até procurado encetar alguns estudos sobre a relação entre aspetos fonológicos da língua e componentes musicais, como, por exemplo, o ritmo. Será que poderia contar-nos um pouco acerca desses trabalhos e do que o motiva a explorar essa relação entre música e linguagem?

Isso tem a ver com a parte inicial da entrevista, com a minha vocação frustrada para a música. Eu gosto muito de música, como consumidor. Acho que não há dia nenhum em que não ouça música. Gosto muito de ouvir música, quando estou a trabalhar por exemplo ou quando estou a fazer uma coisa muito chata, do género arrumar a cozinha. Preciso de ter alguma coisa que me compense, deve haver alguma coisa biológica que explique isso (risos). Isto tem a ver com coisas de infância e juventude. Eu estudei vários instrumentos, todos eles sempre com muito mau resultado (risos). Mas bom, há aquelas hipóteses de Ray Jackendoff e de Fred Lerdahl... O próprio Moris Halle, que é um grande fonólogo, tem alguns trabalhos sobre isso, ou seja, sobre o estabelecimento de paralelismos entre estruturas linguísticas e estruturas musicais, por exemplo, entre o que é uma frase musical e o que é um sintagma entoacional ou o que é o tempo

forte e o tempo fraco de um compasso musical e o que é a sílaba proeminente de uma palavra. Há muitos estudos que exploram estas relações e inclusivamente há teorias muito antigas, que já vêm de antes do século XIX, que imaginam uma origem comum da linguagem e da música: os primeiros hominídeos a terem alguma manifestação daquilo que seria uma protolíngua teriam começado, de acordo com essas “teorias”, por usar os sons cantados ou entoados para comunicarem entre si e, por isso, não haveria no início uma distinção muito clara entre música e linguagem. Pronto, esta é uma teoria como qualquer outra. Agora, há realmente relações entre estas duas manifestações até porque, ao contrário do que se passa com as línguas gestuais, volto agora também a outro ponto atrás, elas partem ambas do mesmo produto físico, que são as ondas sonoras, o som. Aquilo que motivou o meu trabalho sobre este tema, que é muito pouco e que eu também gostaria de continuar em breve, tem a ver com uma questão do português de que eu também já falei há pouco em resposta a uma das vossas perguntas. A fonologia do português tem uma espécie de “Santo Graal”: alguma coisa que toda a gente sabe que existe, mas que não se sabe onde está. É o chamado *acento secundário de palavra*. Sabemos que, sobretudo em polissílabos mais extensos, existem proeminências intermédias entre a sílaba tónica, a mais proeminente de todas, e as verdadeiras sílabas átonas de uma dada palavra. Intuitivamente, todos nós sabemos que, em palavras como *civilização* ou *meteorologia*, palavras com mais de quatro sílabas, há ali umas sílabas que se destacam das outras e que a distribuição destas proeminências parece obedecer a critérios rítmicos. O problema é não haver correlatos fixos para este fenómeno. Nós sabemos quais são os correlatos do acento principal: normalmente, a sílaba tónica é a que tem maior duração, maior intensidade e maior elevação da frequência fundamental, portanto, maior F0. Fonologicamente, é a sílaba que no português europeu está a salvo dos fenómenos de redução vocálica. Para o acento secundário, não sabemos quase nada, não há indícios estáveis. Há impressões auditivas, mas nós sabemos que a fonologia é uma ciência e, em ciência, as impressões e a intuição às vezes são um bom começo para a investigação, mas nunca podem ser a resposta final. Se formos ver descrições do acento secundário, no mesmo linguista, na mesma página, encontramos propostas completamente distintas, por isso é que eu dizia há pouco que este é o Santo Graal da fonologia do português. Nós sabemos que o acento secundário existe, mas não sabemos onde é que ele está nem como encontrá-lo. Uma hipótese que eu coloquei, porque já tem sido explorada noutras línguas, foi tentar ver alguma relação com os tempos fortes e fracos dos compassos de música popular cantada, portanto, música não erudita, na medida em que é música que estará mais próxima das

intuições dos falantes. Há vários anos fiz um levantamento em vários cancioneiros, com destaque para o Cancioneiro de Rodney Gallop, que foi um etnomusicólogo que esteve em Portugal nos anos 30 e fez um levantamento muito representativo de canções populares portuguesas do norte ao sul do país, cobrindo todas as variedades e todas as regiões de Portugal. Nós sabemos que os compassos musicais classicamente têm tempos fortes e fracos. Nos tempos fortes predominam as sílabas tónicas e eu queria ver se as sílabas não tónicas que se encontravam nos tempos fortes dos compassos teriam alguma coisa de especial. Há alguns algoritmos para a localização do acento secundário. O mais consensual de todos é o que diz que o acento secundário se encontra, nas palavras com quatro ou mais sílabas, de duas em duas sílabas da sílaba tónica para a margem esquerda da palavra. O que eu tentei ver foi se, aplicando esse algoritmo, as sílabas não tónicas dos tempos fortes dos compassos musicais no verso popular cantado correspondiam a este algoritmo. O resultado foi nulo (risos). Portanto, o Santo Graal continua escondido! Isto não deu grandes frutos, mas em 2021 fez-se um congresso muito interessante na Universidade de São Petersburgo, na Rússia, onde eu apresentei (on-line) este trabalho e ele até suscitou alguma curiosidade. O congresso juntava músicos, musicólogos, engenheiros acústicos, foneticistas, fonólogos, outros linguistas e antropólogos em torno destas questões. Este tema das relações entre estruturas musicais e estruturas linguísticas não é muito explorado em Portugal, mas, na minha intuição, acho que vai ser um tema de exploração futura muito em breve, mesmo em Portugal. Nos países da Europa Central estas questões são muito estudadas. Roman Jakobson tem, já no início do século, vários textos sobre esta questão e é interessante reparar também que alguns foneticistas se interessam pelo assunto, como Antonio Quilis, um linguista espanhol que é autor de um tratado de Fonética Acústica e simultaneamente de um tratado de metrificação poética, ou Ilse Lehiste, uma foneticista estoniana que tem vários textos, já nos anos 70 e 80, sobre a relação entre ritmo musical, ritmo poético e ritmo linguístico. Portanto, o meu interesse tem sido um interesse platónico até agora, sem grande concretização, pois o único estudo que eu fiz foi esse sobre os indícios do dito acento secundário em português no metro popular, mas é um tema a que eu espero dar seguimento.

Sabemos que o Senhor Professor também se interessa por teatro, tendo inclusivamente escrito alguns textos que foram editados pelo Teatro Nacional de São João. Esse interesse relaciona-se com o trabalho que desenvolve em linguística ou é um assunto sobre o qual se ocupa separadamente?

Essa colaboração que eu tive com o Teatro Nacional São João (TNSJ), que foi das coisas mais apaixonantes que eu fiz na minha vida, foi a título de linguista. Eu gosto muito de teatro. Agora vou menos ao teatro por vários motivos e também porque hoje é mais difícil do que há vinte anos ver teatro no Porto. Quando eu tinha a vossa idade, ao domingo à tarde a gente comprava o *Jornal de Notícias*, abria-se uma página e havia dez espetáculos de teatro diferentes, em várias salas que entretanto foram fechando, por várias pequenas companhias que entretanto foram desaparecendo. Hoje em dia, para vermos teatro no Porto as escolhas são muito menores. Isso implica, entre outras coisas, que eu vá menos ao teatro, mas gosto muito, adoro teatro. Quando saio de Portugal, procuro sempre ir a um espetáculo, mesmo que seja numa língua que eu não conheça! Gosto da fisicalidade, da ideia de que aquilo que nós estamos a ver, ao contrário do cinema, não vai ser exatamente igual no dia seguinte, porque o centímetro em que o ator está a pôr a perna não é o mesmo em que pôs no dia anterior, os atores esquecem-se do texto... Eu gosto muito de teatro e, se fosse menos tímido e fosse mais novo, se calhar também era uma ideia que eu consideraria (risos). A minha colaboração com o TNSJ surgiu num dia em que estava no Arrabidashopping e recebo um telefonema de um número que eu não conhecia de lado nenhum e que pertencia ao Ricardo Pais, na altura diretor do TNSJ. Por sugestão de um amigo comum, entretanto falecido, o Paulo Eduardo Carvalho, que era professor na nossa Faculdade, o Ricardo Pais disse-me que iam estrear uma peça do Molière (o *Dom João*) e precisavam de alguém da área da fonética e da fonologia para duas coisas. Primeiro, para fixar a pronúncia da peça, que é uma coisa que se faz em muitas companhias de teatro por esse mundo fora, se bem que em Portugal não tanto. Segundo, porque havia uns trechos no texto do Molière que eram escritos no que se chama o *patois* e queriam que eu sugerisse um equivalente na tradução para português. Na altura, sugeri que se fosse buscar o caxineiro, o registo do português falado nas Caxinas, e fizemos ali um trabalho de que eu me orgulho muito e que recordo com muitas saudades. Trabalhar com atores é uma coisa libertadora, é muito bonito e o teatro feito a sério, com profissionalismo e exigência é uma coisa fabulosa. Acho que a experiência correu bem, tanto que depois fui convidado para colaborar com a fixação da pronúncia do português quinhentista noutras peças, novamente com o Ricardo Pais e depois com o Nuno Carinhas também. A minha função ali era apenas uma: fixar a pronúncia. Nós sabemos que a pronúncia das palavras se alterou muito ao longo dos séculos. Num texto de há quinhentos anos, vamos dizer p/e/ra ou p/ε/era? Vamos usar o /R/ uvular que sabemos que só entrou em português no século XX, ou vamos usar o /r/ alveolar que nós sabemos que é a

vibrante original da língua? Há questões que se colocam e que têm de ser resolvidas. Portanto, primeiro havia essa fase da decisão e, depois, a fase de que eu mais gostava, que era fase de trabalho direto com os atores. Ensinar os atores a não “comer” sílabas, pronomes átonos... Falámos há um bocado da redução vocálica e um dos efeitos da redução vocálica em português é que, quando se apaga uma vogal, apaga-se uma sílaba. Ora, o verso do Gil Vicente é um verso em redondilha menor ou redondilha maior, portanto, com 5 ou 7 sílabas. “Comer” uma sílaba significa estragar (não tem outro termo) aquilo que era o objetivo estético da época, do autor e daquele texto, que consistia em ter 5 ou 7 sílabas em todos os versos. Combater esta tendência, que é a do português coloquial, de engolir todas as sílabas átonas e guardar espaço para todas as sílabas, fossem elas tónicas ou átonas, exigiu muitas horas de trabalho com os atores, que reagiam sempre muito bem. Os atores e os encenadores com quem eu trabalhei ali no TNSJ eram pessoas extremamente profissionais, curiosas, meticolosas, cuidadosas. Com esse trabalho retirei um enorme prazer pessoal e uma enorme aprendizagem sobre como se monta um espetáculo teatral num teatro como o TNSJ, que é um grande teatro nacional, com muitos meios envolvidos. Além desse prazer pessoal e dessa aprendizagem que tive, tentei sempre mostrar aliás, até escrevi sobre isso nos manuais de leitura do TNSJ - a utilidade que um linguista tem. Normalmente as pessoas olham para os linguistas com um certo desconhecimento. As pessoas por vezes não sabem o que é a linguística e essa minha intervenção tentou mostrar também para que é que um linguista também pode servir. Bom, pode servir para, entre muitas outras coisas, colaborar num projeto artístico, colaborar num projeto cultural do qual beneficiam os espectadores, os atores, todos os profissionais envolvidos. Tenho muitas saudades desse tempo. Por razões diversas, essa colaboração depois acabou por cessar. A vida vai mudando, mas fiz muitos amigos naquele meio e foi das experiências mais gratificantes e que eu considero mais importantes da minha carreira.

O envelhecimento tem sido um tópico bastante investigado em linguística, tanto na FLUP como noutras instituições nacionais e internacionais. Na opinião do Senhor Professor, que contributo a fonologia poderá dar na procura por melhores soluções para o envelhecimento dos cidadãos e, simultaneamente, que pistas poderá dar essa fase do desenvolvimento humano para o conhecimento fonológico das línguas?

Eu não sou um especialista em envelhecimento. Há um bocado disse que não sou um especialista em línguas gestuais e por isso se calhar só disse disparates quando falei sobre isso. Sobre envelhecimento também sei muito pouco. Lembro-me de ter tido uma colaboração muito esporádica em algumas recolhas de linguagem junto de falantes mais idosos também com a Professora Graça Pinto há muitos anos, mas o meu envolvimento traduziu-se praticamente na ajuda da recolha. Eu sei que há, neste momento, muitos estudos sobre o envelhecimento. O envelhecimento está a constituir-se como uma área de estudos ao nível da Saúde, do Desporto, da Psicologia, da Educação, do Ensino de Línguas e, provavelmente, também ao nível da Linguística. Eu não conheço muito, não estou familiarizado com possíveis temas que tenham a ver com essa questão. Portanto, o que eu posso dizer sobre este assunto é muito pouco, mas, sabendo que o envelhecimento é hoje um tema muito explorado cientificamente, não tenho qualquer dúvida de que a linguística, e dentro da linguística a fonologia, alguma coisa terão a dizer sobre o assunto. Eu pessoalmente não posso dizer muito porque sei pouco, não sei nada sobre o assunto e só gosto de falar do que sei. Lembrar-me-ia de uma coisa, mas se calhar isto até pode ser um bocadinho mal interpretado. Há pouco falámos da questão da variação. Eu admito, mas esta é uma mera probabilidade teórica que não tem nenhuma comprovação, que em estudos sobre a mudança linguística em português, por exemplo, nós possamos ver nos falantes mais idosos algumas evidências de marcas fonéticas e fonológicas do que seria o português falado há algumas décadas (padrão ou não padrão). Nós sabemos que reconstituir o passado fonológico de uma língua é sempre um bocadinho arriscado... Sobre as estruturas sintáticas, nós temos documentação escrita que nos permite ver, por exemplo, onde é que em português medieval se colocavam os clíticos, mas sobre a pronúncia do português anterior à altura em que há gravações sonoras nós só temos hipóteses - do português ou de qualquer outra língua! Portanto, um trabalho interessante seria tentar encontrar, nos falantes mais idosos, marcas entretanto desaparecidas ou quase desaparecidas de estádios passados da língua. É claro que isto é dito numa perspetiva muito egoísta, é a perspetiva do linguista que está a ver no idoso uma fonte de dados linguísticos e, tanto quanto eu sei, os estudos sobre o envelhecimento hoje são estudos que procuram promover a qualidade de vida da população mais idosa. Obviamente não é nesse sentido que eu estava aqui a dar este exemplo.

Em Portugal, a linguística é ainda uma área relativamente desconhecida ou incompreendida e, frequentemente, suscetível a enganadoras caricaturas acerca do trabalho dos profissionais

que a integram, sendo muitas vezes reduzida apenas à gramática normativa. Além disso, o curso de Ciências da Linguagem é também relativamente recente enquanto licenciatura na Universidade do Porto. Nesse sentido, de que forma poderá ser facilitada a familiarização e a aproximação dos cidadãos perante a linguística? E que relevância pode ter no dia-a-dia conhecer a linguística e, em particular, a fonologia?

Eu não sei responder bem à segunda parte da pergunta, mas concordo com a introdução. A linguística é muito desconhecida em Portugal. Noutros países também, mas em Portugal é de uma forma muito particular. Eu lembro-me de uma vez ter escrito uma recensão a um livro que saiu na revista *Linguística*, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dizendo que qualquer estudante no final do 12º ano em Portugal sabe o que é a física, a química, a filosofia ou a arqueologia, mas não sabe o que é a linguística. A linguística é normalmente confundida ou com o poliglotismo - “um linguista é uma pessoa que fala muitas línguas” - ou com uma atitude muito policial sobre a língua: o linguista é a pessoa que sabe como se diz corretamente uma palavra, como se constrói corretamente uma frase, qual o significado exato desta ou daquela palavra no dicionário. Estou a falar da perceção social do que é um linguista. Vocês não calculam o número de telefonemas que eu recebo de pessoas conhecidas, e às vezes desconhecidas, que eu não conheço de ladíssimo nenhum, e que me contactam a perguntar “é mais correto dizer *havia sido* ou *tinha sido*?”, “O plural de *molho* é *môlhos* ou *mólhos*?”... O linguista é muitas vezes visto como uma espécie de dicionário com duas pernas e dois bracinhos ou um prontuário ambulante. Até certo ponto, até podem ter um pouco essa função, mas não é isso que os caracteriza. Como eu costumo dizer, os linguistas são os botânicos da língua, nós estudamos a língua como um botânico estuda uma espécie vegetal, sem fazer juízos de valor, podendo ter uma apreciação estética sobre as coisas, mas não deixando que isso interfira com uma descrição exaustiva, objetiva daquilo que é o seu objeto. Como é que isto se resolve? Essa é a pergunta à qual eu não sei responder. Eu acho que talvez possa ser através, mais uma vez, daquela palavra que eu valorizo muito que é o *conhecimento*. Valorizar o conhecimento produzido pelos linguistas. Em Portugal não temos tantas publicações e atividades de divulgação científica como existem noutros países, embora haja uma editora muito conhecida que tem, ou teve pelo menos durante muitos anos, uma coleção de livros sobre astronomia, matemática e química, escritos por profissionais dessas áreas, que davam a conhecer ao público em geral, numa linguagem rigorosa mas não inteiramente técnica, quais eram os principais

objetivos, temas, questões, problemas das suas áreas. Provavelmente nós teríamos que fazer alguma coisa parecida com isso na linguística. Temos que mostrar aos leigos, aos não linguistas, o que é verdadeiramente um linguista. Temos de mostrar que não é um poliglota, não é um historiador da língua, embora possa ser estas coisas também. Os historiadores da língua são, obviamente, linguistas, mas outra das perceções sociais do linguista é a que associa o linguista à pessoa que sabe de cor a etimologia de todas as palavras da língua (e a história da língua não se resume sequer à etimologia, como sabem). As pessoas às vezes associam a Linguística apenas ao estudo histórico diacrónico e isso é mais uma visão redutora. Por exemplo, a experiência que eu referi há pouco no TNSJ mostra que os linguistas são as pessoas que conhecem a língua, no seu passado, no seu presente, na sua evolução, nos seus usos sociais, nas suas características formais... Para o bem e para o mal, goste-se ou não se goste, as pessoas que melhor conhecem o “esqueleto” da língua, a estrutura da língua, a razão de certas marcas estarem presentes ou não estarem presentes ou serem admissíveis em certos contextos e não serem admissíveis noutros contextos, são os linguistas. Assim como os engenheiros hidráulicos são quem sabe de barragens (risos) e os engenheiros eletrotécnicos sabem de redes elétricas! Eu acho que falta muito uma abertura nos dois lados. Abertura do meio, como por exemplo, esse convite que me foi feito para eu, como linguista, ir ajudar os atores do TNSJ e, se calhar, também alguma abertura dos próprios linguistas em saírem um bocadinho dos seus círculos habituais. Os linguistas, como quaisquer especialistas de qualquer área, trabalham muito para a sua comunidade. Publicam em revistas da especialidade, vão a congressos, dão as suas aulas, vão a conferências e talvez devêssemos alargar um bocadinho mais o escopo do nosso trabalho. O que é certo é que os linguistas em Portugal são poucos (ou comparativamente poucos) e os linguistas que em Portugal exercem a profissão são também, na sua maioria, professores universitários afundados em deveres e obrigações muito exigentes e diversificadas. Já não têm tempo para mais nada, eu sei! Portanto, há aqui uma série de circunstâncias que talvez dificultem um bocadinho, mas era importante dar ao público em geral a imagem do linguista e da linguística mais próxima daquilo que é o trabalho dentro desta área.

Não poderemos terminar esta entrevista sem falar de uma figura fundamental em todos os tópicos que temos vindo a abordar: os estudantes. Na perspetiva do Senhor Professor, e recuperando as memórias que guarda do tempo em que também foi estudante, que

considerações lhe ocorrem acerca da relação que estes estabelecem com o meio académico envolvente? E, já agora, que mensagem deixa aos estudantes que irão ler esta entrevista?

Eu sou pouco de deixar mensagens, acho que isso é um bocadinho profético... Eu já quis ser músico, já quis ser latinista, ator de teatro mas profeta acho que nunca quis ser. Bom, não sei, isto pode parecer um lugar comum, mas às vezes os lugares comuns encerram grandes verdades. Os estudantes são o futuro. Assim como as línguas só sobrevivem com falantes, as áreas disciplinares, as ciências, também só sobreviverão se tiverem pessoas novas a dar-lhes continuidade. Os estudantes têm este papel fundamental que é serem uma espécie de garantia de que determinada área não irá desaparecer e não irá morrer... Estamos a falar agora da perspetiva da disciplina. Portanto, acho que os estudantes têm esta importância de início que é serem a garantia de que determinadas áreas têm continuidade. Depois, ao longo da minha carreira enquanto linguista, eu tenho aprendido muito com os estudantes. Também pode parecer um lugar comum, mas eu posso até dar alguns exemplos. Eu lembro-me, por exemplo, de que eu fiquei a conhecer o WALS através de um aluno que um dia me disse “ó professor, descobri isto aqui!”. Portanto, eu tenho aprendido muito com os estudantes. Olhei sempre para os estudantes como meus iguais. Houve uma altura muito boa da vida do CLUP em que a FCT tinha umas bolsas que nos permitiam contratar estudantes de licenciatura para fazerem pequenos projetos de investigação e com isso ganhavam algum dinheiro e introduziam-se nos meandros da investigação. O Arquivo Dialetal da Universidade do Porto, que é talvez um dos produtos mais conhecidos do CLUP, consultado em todas as partes do mundo, que deu já origem a várias publicações também em vários países do mundo e que é uma fonte de *corpus* do português muito utilizada, foi construído por dois ou três estudantes a partir dessas bolsas nos anos 2008 e 2009. Esta revista eling^{UP}, que é uma revista onde têm sido publicados trabalhos que depois são citados noutras publicações e que avivam esta área, é um produto de estudantes. Portanto, os estudantes são o tal sangue novo (que depois não tem a parte chata da vida académica, que são as reuniões, os júris, as cargas horárias letivas excessivas) que permite fazer avançar o conhecimento. Eu tive sempre a sorte de ter uma excelente relação com os estudantes. Aliás, alguns dos meus melhores amigos hoje são ex-estudantes e acho que os mais jovens são fundamentais. Ainda por cima, em Portugal, nós sabemos da pressão social mediática e familiar para os jovens escolherem áreas atrás da ilusão de emprego seguro. Sabemos o que os alunos passam para terem 19,9 para poderem entrar no curso de Medicina... Portanto, estudantes que

escolhem voluntariamente áreas como a Linguística ou áreas das Humanidades em geral são até, de certa forma, uns heróis! São pessoas que aceitam um grau de risco em troca do prazer intelectual e pessoal e também da ideia de que têm um papel importante na preservação do que é o nosso património cultural. Os linguistas, juntamente com os historiadores, os sociólogos, os antropólogos e outras pessoas ligadas à área das Ciências Sociais e Humanas são, no fundo, os guardiães daquilo que é o património cultural da Humanidade: da nossa vila, da nossa cidade, do nosso país, do nosso continente, do nosso mundo. É assim que eu olho para os estudantes: como o capítulo que vem a seguir. Sempre fui muito próximo dos estudantes e nunca achei que os alunos estavam nas salas de aula meramente para aprender. Obviamente essa é a sua principal função e a minha principal função com os estudantes é ensinar-lhes, transmitir-lhes os conhecimentos. Contudo, devo transmitir-lhes também atitudes perante a forma de obter conhecimento, perante o modo de criticar conhecimento, de construir conhecimento e, como vos digo, aprendi muito também com estudantes. Todas as semanas, sem exagero nenhum, há sempre um aluno que vem com um texto que descobriu na internet, ou um recurso, ou uma base de dados, ou isto, ou aquilo, e isso é uma coisa que eu valorizo muito.

AS PALAVRAS DE POLARIDADE NEGATIVA EM EXPRESSÕES POSITIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Fábio Barcellos Granja¹

up202100212@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

Milena Soares dos Santos²

up202101406@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

Ana Caroline Martins Fidelis³

up202103466@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. No presente artigo se pretende analisar o uso de palavras de polaridade negativa associadas a palavras de polaridades neutra ou positiva no português brasileiro (PB). O trabalho é dividido em duas partes: um estudo do *corpus* e um estudo empírico. A primeira ocorre através de análises morfosintáticas e semânticas dos textos pelos autores. A segunda decorreu de uma pesquisa escrita com falantes nativos do PB. Os resultados obtidos contribuem com uma maior elucidação da produtividade do uso de advérbios de polaridade negativa associados a palavras neutras ou positivas, bem como à restrição desse uso a contextos de fala mais informal.

PALAVRAS-CHAVE. Análise de Sentimento, Polaridade, Economia e Finanças, Português Brasileiro, Advérbios

¹ Estudante do 1.º ano da licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² Estudante do 1.º ano da licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

³ Estudante do 1.º ano da licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Volume 11 | n.º 1 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

ABSTRACT. This article aims to analyze the use of negative polarity words associated with neutral or positive polarity words in Brazilian Portuguese (BP). It is divided into two main parts: a corpus study and an empirical study. The first one was made through morphosyntactic and semantic analyses of the corpus texts by the authors. The second one resulted from a written survey with native BP speakers. The results obtained contribute to a better understanding of the use of negative polarity adverbs associated with neutral or positive words, as well as the restriction of this use to more informal speech contexts.

KEYWORDS. Sentiment Analysis, Polarity, Financial Economics, Brazilian Portuguese, Adverbs

1. Introdução

Com este artigo se pretende analisar e compreender o uso, no Português Brasileiro (doravante PB), de palavras de polaridade negativa em expressões cuja polaridade final é positiva. Apoiamo-nos no campo teórico da análise de sentimento, sobretudo nas teorias de polaridade de Taboada (2016) e Trnavac *et al.* (2015), para desenvolver uma metodologia coerente com os objetivos do trabalho.

O primeiro deles é realizar uma análise morfológica, sintática e semântica de ocorrências dessas expressões em textos da área de economia e finanças. Para isso, reunimos, em um *corpus*, doze textos: dez que as continham e dois que apresentavam usos similares, mas com efeitos distintos, a fim de estabelecer um contraste. Todos os textos foram retirados de jornais e *sites* brasileiros que se relacionassem à área supracitada. Para analisar as expressões, desenvolvemos uma escala de polaridade, com a qual associamos valores (de -3 a +3, passando pelo zero) a palavras isoladas e, posteriormente, a expressões estudadas. A anotação de polaridade do *corpus* foi realizada apenas pelos autores deste artigo.

O segundo objetivo, o de qualificar os contextos de uso dessas expressões, foi abordado na análise do *corpus* e das anotações de polaridade. Cada expressão foi decomposta de acordo com as palavras que a constituíam: estas foram analisadas em termos de sintaxe, morfologia e semântica. No que tange à última, apoiamo-nos nas teorias de Benamara *et al.* (2007) e Trnavac *et al.* (2015) para desenvolver uma tipologia semântica dos advérbios, adjetivos e nomes, a qual os qualifica em termos de alteração, dividindo palavras de tais classes entre alteradores e alterados. Os primeiros se dão por palavras que modificam o sentido de outra, de forma a alterar o valor de polaridade a ela associado. Os segundos são as palavras modificadas por alteradores,

Volume 11 | n.º 1 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

cuja polaridade pode se tornar ainda mais positiva ou ainda mais negativa. Na investigação sobre os verbos e participípios e seus papéis como alterados, desenvolvemos também um estudo empírico.

Tal estudo se liga ao terceiro e último dos principais objetivos do trabalho: examinar o uso gramatical por falantes nativos, isto é, se estes aceitam tais expressões como adequadas a determinados contextos de fala. Para isso, investigamos, por meio de um estudo escrito com catorze falantes nativos de PB, as polaridades que por eles eram associadas a três pares de frases referentes à análise do artigo. Essas frases apresentavam diferenças significativas, sobretudo no uso de verbos transitivos e intransitivos, e os resultados obtidos pela pesquisa ajudam a elucidar a percepção de determinadas estruturas semânticas por parte dos falantes.

As conclusões depreendidas da análise do *corpus* e dos resultados do estudo, que serão ulteriormente apresentados neste artigo, apontam para uma maior compreensão semântica e morfossintática do uso de advérbios de polaridade negativa em expressões positivas no PB. Limitações do estudo se ligam sobretudo ao uso dessas expressões nas demais variedades do Português, nas quais sua gramaticalidade pode ser questionada.

O artigo está dividido em quatro seções. A primeira delas é a introdução. Na segunda, serão abordados o conteúdo do *corpus* e as metodologias adotadas no estudo. Na terceira, serão descritas a elaboração do estudo empírico e a análise do *corpus*. Na quarta, as conclusões e os resultados depreendidos do trabalho serão delineados.

2. Enquadramento teórico

Todo o artigo se embasou, primeiramente, no ramo da análise de sentimento:

“Sentiment analysis (SA) aims to automatically determine opinions, sentiments, evaluations, appraisals and emotions, identifying whether a text is subjective or not and, if subjective, whether it expresses a positive, neutral or negative perspective.”

(Oliveira 2018: 10)

Nesse sentido, procuramos nos apoiar sobretudo em dois artigos da área como base teórica: Taboada (2016) e Trnavac *et al.* (2015). O primeiro desses artigos delinea os principais pilares da análise de sentimento, área da linguística na qual este trabalho se encaixa. Visamos a desenvolver uma metodologia coerente para avaliar o comportamento e a gramaticalidade de

frases que contenham palavras de polaridade negativa associadas a palavras de polaridades neutra ou positiva no PB. Também se pretendeu avaliar, a partir das principais teorias de análise de sentimento, o que essas frases podem exprimir em termos de emoções.

Por isso, para a análise dessas expressões, tomamos como ponto de partida a abordagem baseada em léxico, como descrita por Taboada (2016): em oposição à abordagem de *machine learning*, essa segue um modelo de anotação individual de palavras pelos autores, com base, por exemplo, em dicionários de polaridade. Ademais, a estrutura do *Semantic Orientation Calculator (SO-CAL)* (Taboada, 2016) também alicerçou a metodologia do trabalho: além de as palavras relevantes para o estudo serem divididas em positivas, neutras e negativas, foram qualificadas também em termos quantitativos (nomeadamente, com valores de -3 a +3).

O parâmetro da mudança é representado por quatro possíveis valores: intensificação, reversão, atenuação e não-mudança (Trnavac *et al.* 2015: 10). Intensificação representa o aumento do grau de polaridade final de uma expressão, resultando esta da combinação da(s) palavra(s) que intensifica(m) e da(s) que sofre(m) intensificação. Similarmente, a reversão também apresenta uma relação de dualidade: a polaridade final de uma palavra tem seu valor revertido (por exemplo, de um valor positivo para um negativo) pela palavra alteradora. Os valores de atenuação e não-mudança não se encontram no escopo deste trabalho. Assim, em todas as frases analisadas neste estudo, as palavras de polaridade negativa têm o papel de intensificar ou reverter (a depender do contexto) o valor de uma ou mais palavras de polaridades positivas ou neutras.

3. Descrição do Estudo I

3.1. Constituição do *corpus*

O *corpus* foi construído através da seleção deliberada e não aleatória de textos de *sites* e jornais digitais brasileiros que contivessem expressões com palavras de polaridade negativa usadas na expressão de um sentimento final positivo.

Ao final do processo, foram selecionados doze textos que, em sua maioria, versavam sobre criptomoedas. Nos primeiros momentos da pesquisa, foram enfrentadas dificuldades em encontrar textos que apresentassem tais expressões. Isso ocorreu devido a sua baixa recorrência em materiais escritos, visto que esse tipo de discurso, no meio da economia, tende à formalidade, enquanto essas expressões pertencem a um uso de fala mais informal. Portanto,

quando começamos a focar a busca no tema das criptomoedas, a pesquisa e a constituição do *corpus* foram facilitadas.

Alguns fatores que observamos podem explicar isso: a informalidade da linguagem dos textos, a frequência com que eles apresentam trechos de entrevistas e o fato de o público-alvo desse tema ser majoritariamente jovem. Ademais, as criptomoedas também têm uma grande volatilidade, o que pode contribuir para a maior frequência dessas expressões observada em textos desse domínio: os valores de criptomoedas tendem a oscilar de maneira rápida, súbita e em grande magnitude:

“Os eventos de cauda possuem maior probabilidade de ocorrência, seja para os “desastres” ou para os “milagres”: no caso do Bitcoin uma oscilação negativa de 20% tem probabilidade de ocorrência de 0,5%, e uma oscilação positiva de 20% pode ocorrer com aproximadamente 1% de probabilidade. Quando comparado ao retorno de ativos listados em bolsas de valores de economias mais maduras e estabilizadas, a volatilidade dos mercados de cryptocurrencies torna-se ainda mais gritante.”

(Chemalle 2019: 33)

Portanto, é natural que expressões que reflitam fenômenos de grande intensidade, como as expressões estudadas neste artigo, sejam usadas.

Foram retiradas e analisadas doze expressões do *corpus*, que são demonstradas no seguinte quadro:

Frases retiradas do <i>Corpus</i> e expressões analisadas em destaque
A Coinbase tem “pouca ou nenhuma chance de atender às expectativas de lucro futuro que estão embutidas em sua avaliação ridiculamente alta. ”
Fizemos uma aquisição no ano passado que provou ser uma decisão espantosamente boa.
No entanto, a trajetória para os investidores com a criptomoeda tem sido instável - ela passou de US\$ 19 mil em novembro, antes de cair drasticamente.
É absurdamente simples.
“Bitcoin parece terrivelmente bem projetado para uma pessoa produzir.”
Além disso, não podemos nos esquecer da bitcoin, a criptomoeda cujo valor tem aumentado assombrosamente nos últimos tempos.
Os não vacinados, e não convencidos pelo argumento, acham em grande parte que o fato da vacinação não impedir novas ondas funciona a favor de suas desconfianças, mesmo com o número de casos graves e mortes drasticamente diminuído.

Em política fiscal americana, a Câmara dos EUA aprovou na sexta-feira o projeto de lei Build Back Better Act, idealizado pelo governo de Joe Biden, de US\$ 1,75 trilhão, para expandir drasticamente o alcance dos serviços sociais para os americanos, aumentando o acesso aos cuidados de saúde e prestar ajuda a famílias e crianças e também financiar medidas de mitigação da crise climática.
No longo prazo, desde o início deste ano, o número total de USDC (uma moeda estável apoiada pelo valor do dólar americano) em circulação aumentou espantosamente 5 vezes.
Hoje nós vivemos uma realidade mais simples do que há alguns pares de anos atrás, quando uma criptomoeda crescia exageradamente , como o caso do Bitcoin que marcava a casa dos milhares em seu crescimento anual.
O que parecia ser um bom dia para o bitcoin quando o “Dia do Bitcoin” em El Salvador começou, agora se transformou em nada menos que uma abertura de mercado apavorante.
O valor parece irrisório, mas, considerando a quantidade de tokens em circulação, de quase 549 trilhões, e a quantidade enorme que cada investidor é capaz de comprar, e as coisas mudam um pouco de figura - como mostra o lucro monstruoso com a operação do investidor em questão

Tabela 1: Frases do *corpus* apresentando as expressões analisadas em contexto

3.2. Metodologia de anotação

As etapas metodológicas seguidas neste estudo subdividem-se em duas: análise de polaridade, utilizada na anotação de sentimento de palavras e expressões; e análise morfosintática, compreendendo a avaliação destas em termos de suas constituições morfológicas e de suas respectivas funções sintáticas.

Dado que as tendências de estudo de temas nesta área caminham para um foco maior em expressões de opinião *online* (Taboada 2016: 2), procuramos dirigir nosso estudo para a análise de textos de jornais disponíveis na *internet*. Todos os jornais analisados eram brasileiros (dado o enfoque do artigo no PB), e tratavam de temas relativos à economia e às finanças. Nesse sentido, bases importantes para a análise de sentimento em artigos de opinião sobre economia foram delineadas por Silva *et al.* (2018), em estudo baseado em reunião de *corpus* e anotação dos textos que o compunham. No presente trabalho, optou-se por utilizar metodologia similar, i.e., seleção e análise morfosintática e semântica de doze textos constituintes de um *corpus* que embasou a parte teórica do trabalho.

Visto que o léxico analisado em cada texto se relacionava frequentemente ao contexto da economia, optamos por uma abordagem baseada em léxico, ou seja, na anotação dos textos a partir da determinação da polaridade de palavras e orações que fossem relevantes ao tema (Taboada 2016: 4). Para isso, essa análise levou a uma anotação teórica das expressões dos textos do *corpus* baseada numa escala de polaridade elementar. Esta possuía valores que

partiam do -3 e alcançavam o +3, passando pelo zero, respectivamente representando um sentimento muito negativo, um muito positivo e um neutro. Nela, cada valor foi associado a um sentimento, conforme o exemplo da tabela 2:

Palavra ou expressão	Polaridade (-3 a +3)	Significado da polaridade
terrivelmente	-3	Muito negativa
absurdamente	-2	Negativa
exageradamente	-1	Pouco negativa
alta	0	Neutra
aceitam	+1	Pouco positiva
bem	+2	Positiva
perfeito	+3	Muito positiva

Tabela 2: Análise de polaridade de palavras do *corpus* não necessariamente presentes nas expressões analisadas no estudo

A escala parte de -3, correspondendo este a uma polaridade muito negativa, e alcança +3, representando este uma polaridade muito positiva. Todas as expressões relevantes ao estudo foram analisadas pelos autores, com base nessa escala, da seguinte maneira: primeiramente, um valor de polaridade era atribuído a cada palavra constituinte da expressão, e, posteriormente, à expressão em si, de acordo com o modelo na tabela 3:

Polaridade	Advérbio	Advérbio	Particípio	Expressão
-3	terrivelmente			
-2				
-1				
0			projetado	
+1				
+2		bem		
+3				terrivelmente bem projetado

Tabela 3: Análise da expressão “*terrivelmente bem projetado*”

O trabalho também se embasa na tipologia descrita por Trnavac *et al.* (2015) para a análise de mudanças de polaridade: cada uma das doze orações analisadas morfossintaticamente (isto é, de maneira a determinar classes e subclasses gramaticais de suas palavras, bem como os constituintes morfológicos destas) e semanticamente (por meio da divisão de palavras

analisadas em alterados e alteradores) foi qualificada quanto ao tipo de mudança de sentimento que era realizado por determinada palavra.

3.3. Apresentação e discussão dos resultados

Para o estudo do *corpus*, começamos por realizar uma análise morfossintática das expressões, de maneira a determinar as classes e as subclasses gramaticais, bem como as bases de formação das palavras em casos de palavras com afixos. Os resultados são apresentados no seguinte quadro:

Expressões isoladas	Classes das palavras e bases de formação (em ordem respectiva)	Funções sintáticas considerando o contexto das expressões
Ridiculamente alta	Advérbio de modo (Adv. M.), base “ <i>ridícula-</i> ”; Adjetivo qualificativo (Adj. Q.), base “ <i>alt-</i> ”	“ <i>Ridiculamente alta</i> ” é modificador restritivo de nome (Mod. R. N.) de “ <i>avaliação</i> ”
Espantosamente boa	Adv. M. , base “ <i>espantosa-</i> ”; Adj. Q.	“ <i>Espantosamente boa</i> ” é Mod. R. N. de “ <i>decisão</i> ”
Caiu drasticamente	Verbo ; Adv. M. , base “ <i>drastica-</i> ”	“ <i>Drasticamente</i> ” é oblíquo adjunto (Obl. A.) do Verbo intransitivo (V.I.) “ <i>cair</i> ”
Absurdamente simples	Adv. M. , base “ <i>absurda-</i> ”; Adj. Q.	“ <i>Absurdamente simples</i> ” é predicativo do sujeito (Pred. S.)
Terrivelmente bem projetado	Adv. M. , base “ <i>terrível-</i> ”; Adv. M. ; Particípio Verbal (Part. V.), base “ <i>projet-</i> ”	“ <i>Terrivelmente bem projetado</i> ” é Pred. S.
Aumentado assombrosamente	Adv. M. , base “ <i>assombrosa-</i> ”; Part. V. , base “ <i>ument-</i> ”	“ <i>Assombrosamente</i> ” é Obl. A. da locução verbal “ <i>tem aumentado</i> ”
Drasticamente diminuído	Adv. M. , base “ <i>drastica-</i> ”; Part. V. , base “ <i>diminu-</i> ”	“ <i>Drasticamente diminuído</i> ” é Mod. R. N. de “ <i>número de casos graves e mortes</i> ”
Expandir drasticamente	Verbo ; Adv. M. , base “ <i>drastica-</i> ”	“ <i>Drasticamente</i> ” é Obl. A. do verbo transitivo direto “ <i>Expandir</i> ”
Aumentou espantosamente	Verbo ; Adv. M. , base “ <i>espantosa-</i> ”	“ <i>Espantosamente</i> ” é Obl. A. do V. I. “ <i>aumentou</i> ”
Crescia exageradamente	Adv. M. , base “ <i>exagerada-</i> ”; Verbo	“ <i>Exageradamente</i> ” é Obl. A. do V. I. “ <i>crescia</i> ”
Abertura de mercado apavorante	Nome Comum Contável (No. C. C.), base “ <i>abert-</i> ”; Preposição ; No. C. C. ; Adv. M. , base “ <i>apavor-</i> ”	“ <i>Nada menos que uma abertura de mercado apavorante</i> ” é Complemento Oblíquo do verbo “ <i>se transformou</i> ”

Lucro monstruoso	No. C. C.; Adj. Q., base “monstr-”	“Lucro monstruoso com a operação do investidor em questão” é Sujeito
------------------	------------------------------------	---

Tabela 4: Palavras analisadas com suas classes e funções sintáticas nos textos originais

As palavras constituintes das expressões foram categorizadas, primeiramente, em classes; nesse sentido, observou-se uma presença bastante destacada de adjetivos qualificativos de bases morfológicas nominais, verbais e adjetivais (nomeadamente, cinco adjetivos nas doze expressões analisadas), de verbos (aparecendo quatro vezes), bem como de advérbios de modo (mostrando-se onze vezes), todos de base morfológica adjetival. Após a classificação das expressões, suas funções sintáticas (tendo em conta seus contextos, isto é, as frases em que se inseriam nos textos originais) também foram descritas: notamos a presença acentuada, sobretudo de intransitividade verbal (tema a ser trabalhado nas próximas partes do trabalho), de predicativos do sujeito (como “*absurdamente simples*” em “*É absurdamente simples*”) e de modificadores restritivos de nome (como no exemplo “*Fizemos uma aquisição no ano passado que provou ser uma decisão espantosamente boa*”, em que “*espantosamente boa*” assume esta função).

Em seguida, determinamos os graus de polaridade das palavras separadamente, e das expressões como um todo. Os resultados são apresentados no quadro seguinte:

Expressões e valores de polaridade individuais	Valor de polaridade da expressão inteira
Ridiculamente (-3) alta (0)	+3
Espantosamente (-2) boa (+2)	+3
Caiu (0) drasticamente (-3)	-3
Absurdamente (-2) simples (0)	+3
Terrivelmente (-3) bem (+2) projetado (0)	+3
Aumentado (0) assombrosamente (-3)	+3
Drasticamente (-3) diminuído (0)	+3
Expandir (0) drasticamente (-3)	+3
Aumentou (0) espantosamente (-2)	+3
Crescia (0) exageradamente (-1)	+3
Abertura (0) de mercado (0) apavorante (-3)	-2
Lucro (+2) monstruoso (-3)	+3

Tabela 5: Exemplos do *corpus* com valores de polaridade

Fizemos ainda uma análise das palavras em termos semânticos. Para isso, criamos uma nomenclatura na qual classificamos as palavras analisadas como alterados e alteradores: os alterados sofrem a alteração (seja intensificação, seja inversão) e os alteradores provocam a alteração (seja intensificação, seja inversão).

As ações observadas nos termos de polaridade negativa analisados foram as de intensificação e de reversão. Como exemplo, na frase “O número de casos graves e mortes drasticamente diminuído” o advérbio de modo “drasticamente” faz o papel de alterador, pois ele intensifica o valor do particípio verbal “diminuído”, este atuando como alterado.

Como resultados desta análise do *corpus*, obtivemos conclusões relevantes sobre alteradores e alterados. Sobre os primeiros, observamos que a frequência de advérbios de modo como alteradores é bastante alta, compondo 10 de 12 exemplos. Esses advérbios têm, por si só, polaridade entre -2 e -3, e podem alterar a expressão inteira para uma polaridade +3. Isso é observado, por exemplo, em “**avaliação ridiculamente alta**”, que apresenta um advérbio de modo de polaridade -3 associado a um adjetivo qualificativo de polaridade 0: o resultado é a alteração de “alta” na expressão “ridiculamente alta” – no contexto, de polaridade +3.

Também foram observados, como alteradores, adjetivos qualificativos, em 2 de 12 exemplos. Ambos possuíam valor de polaridade -3 e alteravam a polaridade de alterados neutros e positivos para +3 ou -2. Nesse sentido, apenas a alteração para um valor positivo se encaixa no escopo principal do artigo, ainda que a alteração para valor negativo também seja observada em 2 das 12 frases. Como exemplo, temos “sua avaliação ridiculamente alta”, em que “ridiculamente”, palavra de polaridade -3, altera o sentido de “alta”, palavra neutra, resultando em uma expressão final “**ridiculamente alta**” com polaridade +3, isto é, com um sentido claramente positivo ressaltado.

Cabe salientar que essas alterações são necessariamente dependentes do contexto e da polaridade do alterado. Nesse sentido, foi notado que: i) é necessário que o contexto da frase como um todo seja positivo para que a combinação ‘alterador + alterado’ final tenha um valor também positivo; ii) é necessário que o alterado tenha por si só uma polaridade neutra ou positiva. Essas duas regras são mais bem ilustradas na tabela a seguir:

Contexto	Expressão e polaridades individuais	Polaridade da expressão final
número de mortes por Covid-19	drasticamente (-3) reduzido (0)	+3
PIB do Brasil	drasticamente (-3) reduzido (0)	-3
crescimento dos valores de ações no IBOVESPA	drasticamente (-3) negativo (-1)	-3
crescimento dos valores de ações no IBOVESPA	drasticamente (-3) positivo (+1)	+3

Tabela 6: Relações de polaridade

No que se refere aos alterados, foi observada uma maior diversidade, em termos de classe gramatical. Em 5 dos 12 trechos analisados, foram alterados adjetivos qualificativos, estes com as funções sintáticas de ‘modificador restritivo de nome’ ou ‘predicativo do sujeito’. Cabe ressaltar que esta foi a única classe de palavras que, em nossos exemplos, atuou tanto como alterador quanto como alterado. Como exemplo, na expressão “abertura de mercado apavorante”, o adjetivo qualificativo “apavorante”, de polaridade -3 , altera o nome “abertura” e a associação preposição+nome, “de mercado”, ambos com grau de polaridade 0. Assim o grau de polaridade atribuído à expressão “**abertura de mercado apavorante**” é -2 , na qual o adjetivo “apavorante” atua como alterador, e a associação preposição+nome, “de mercado”, atua como alterado. Já na expressão “absurdamente simples”, o advérbio “absurdamente”, de polaridade -2 , é alterador, pois altera o adjetivo “simples”, este de polaridade 0. O valor de polaridade atribuído à expressão final é de -3 .

Também foram observados dois exemplos de nomes comuns contáveis como alterados: em ambos os casos (**‘lucro monstruoso’** e **‘abertura de mercado apavorante’**), foram modificados por adjetivos qualificativos, e no segundo deles, observamos a combinação ‘nome+preposição+nome’ atuando como composto alterado. Particípios verbais constituíram três dos doze exemplos, e foram modificados por um ou mais advérbios de modo: é importante salientar que, no caso de mais de um advérbio preceder o particípio, um deles deve possuir polaridade neutra ou positiva, para se obter o fenômeno neste artigo analisado.

Isso é observado no caso do trecho do *corpus* “**terrivelmente bem projetado**”: temos, respectivamente, palavras de polaridade -3 , $+2$ e 0. Retirando-se “bem”, por exemplo, teríamos “terrivelmente projetado”, uma associação de palavras de polaridade -3 e 0, que demonstra outro efeito: o de qualificação negativa do particípio “projetado”.

Observamos apenas um caso de verbo transitivo como alterado: “expandir drasticamente”, que, no contexto, representa uma expansão drástica do alcance dos serviços sociais. Temos, portanto, um fenômeno claro de intensificação de “expandir”, por parte do oblíquo adjunto “drasticamente”, advérbio de modo que altera a polaridade original de “expandir”, de valor zero, para +3.

Os últimos três exemplos apresentaram verbos intransitivos como alterados: **“cair drasticamente”**, **“aumentou espantosamente”** e **“crescia exageradamente”**. Estes possuíam as características seguintes: i) significado próximo a ‘expandir’ ou ‘diminuir’; ii) expressão de ação alterada relativa ao sujeito. Nesse sentido, os verbos intransitivos analisados demonstraram sempre um aumento ou uma diminuição relativa ao seu sujeito (como em **‘o número total d[a criptomoeda] USDC em circulação aumentou espantosamente’**), e, por serem intransitivos, não apresentam um realizador da ação, seja esta motivada ou não.

Baseando-nos nesses últimos resultados, optamos pela realização de um estudo empírico que pusesse em comparação frases sobre o mesmo assunto, que possuísem verbos transitivos ou intransitivos. Um primeiro objetivo foi o de averiguar se as frases com verbos transitivos possuiriam, quando avaliadas em termos de polaridade por falantes nativos do PB, valores significativamente maiores ou menores que suas homólogas com verbos intransitivos.

4. Descrição do estudo II

4.1. Motivação do estudo

O estudo empírico foi concebido no contexto da conclusão, por parte dos autores, de que três dos quatro exemplos analisados do *corpus* apresentavam verbos intransitivos como os principais da frase ou oração analisada. A hipótese que motivou o estudo foi a de que frases que usassem palavras de polaridade negativa alterando verbos intransitivos, estes na posição de alterados, teriam valor de polaridade significativamente diferente em relação às frases que tivessem verbos transitivos como alterados. Esse contraste é visto, por exemplo, no par de frases “A taxa de juros aumentou espantosamente” (há intransitividade) e “O Banco Central aumentou a taxa de juros espantosamente” (há transitividade), que ilustra uma clara diferença semântica, pela presença, na 2ª frase, de um agente/fonte, havendo possibilidade, também, de diferenças na polaridade.

4.2. Metodologia

A parte empírica do trabalho, realizada por pesquisa de texto com falantes nativos do PB, baseou-se na determinação, pelos brasileiros, das polaridades (de acordo com a escala e com a metodologia anteriormente descritas) que associaram a seis frases desenvolvidas pelos autores. Posto que a análise das frases foi feita por informantes que não tinham domínio de teorias de análise de sentimento, o objetivo dessa parte do estudo se relaciona à determinação da gramaticalidade das expressões utilizada nas frases, bem como às possíveis diferenças em interpretação que elas possam suscitar quando encontradas em diferentes contextos, com base na intuição gramatical dos falantes nativos.

Visamos, com esta parte do trabalho, a determinar, a partir da anotação das seis frases, por falantes nativos, se havia diferenças significativas nos valores de polaridade atribuídos a expressões contendo: i) palavras de polaridade negativa expressando sentimento final positivo associadas a verbos transitivos; ii) tais palavras associadas a verbos intransitivos. Quis-se, portanto, contrastar frases com verbos transitivos e com verbos intransitivos para, a partir das observações dos falantes, qualificar e diferenciar seus usos.

4.3. Elaboração e realização do estudo empírico

A realização do estudo deu-se por questionário escrito feito com catorze falantes nativos do PB. Cada um deles atribuiu a seis frases, estas organizadas em três pares lógicos, valores de polaridade que estivessem de acordo com os valores da escala elaborada pelos autores (-3 a +3, passando pelo zero). Além disso, também apontaram se de fato viam diferenças entre cada par de frases. Se vissem, deviam explicá-las.

Como mencionado, as frases foram divididas em três pares, de acordo com três critérios: i) deveriam versar sobre o mesmo tema; ii) a primeira frase de cada par deveria possuir um verbo intransitivo, enquanto a segunda, um transitivo; iii) a segunda frase também deveria conter um sujeito responsável por, motivadamente ou não, causar a ação descrita (por ter o papel semântico de agente ou origem). Os pares foram os seguintes:

Número	Par	Frase
I	I	A taxa de juros aumentou espantosamente.
II	I	O banco central aumentou a taxa de juros espantosamente.
III	II	A situação do Covid em Portugal mudou absurdamente após as vacinações.
IV	II	As vacinações mudaram absurdamente a situação do Covid em Portugal.
V	III	O número de mortes por Covid diminuiu drasticamente.
VI	III	A vacinação diminuiu drasticamente o número de mortes por Covid.

Tabela 7: Pares de frases elaborados para o estudo empírico

As respostas dos catorze participantes continham valores de polaridade que foram organizados de acordo com a média aritmética simples e com a moda dos valores associados a cada frase, a serem discutidos na próxima seção. Os falantes também deram explicações que justificassem suas respostas. Essas foram analisadas separadamente pelos autores, e, baseados no fato de que elas demonstravam a intuição gramatical dos falantes nativos, apoiaram as conclusões depreendidas do estudo empírico.

4.4. Apresentação e discussão dos resultados

Os resultados da análise podem ser separados em duas partes. A primeira é quantitativa e refere-se aos valores de polaridade atribuídos às frases. A segunda é em grande medida especulativa e se baseia nas explicações dadas pelos falantes nativos acerca da interpretação das frases individualmente e em pares. No que tange à primeira parte, os resultados numéricos podem ser organizados na seguinte tabela:

Número	Par	Frase	Média Aritmética	Moda
I	I	A taxa de juros aumentou espantosamente.	-1.71	-3
II	I	O banco central aumentou a taxa de juros espantosamente.	-1.86	-3
III	II	A situação do Covid em Portugal mudou absurdamente após as vacinações.	+2.07	+2
IV	II	As vacinações mudaram absurdamente a situação do Covid em Portugal.	+2.50	+3
V	III	O número de mortes por Covid diminuiu drasticamente.	+2.71	+3
VI	III	A vacinação diminuiu drasticamente o número de mortes por Covid.	+2.93	+3

Tabela 8: Resultados numéricos do estudo empírico

Um primeiro resultado pode ser depreendido do par I: há uma diferença nos valores atribuídos à frase I e à frase II de 0.15 valor. Todos os falantes que observaram diferenças de sentimento entre as frases apontaram que ela se devia ao fato de “espantosamente”, na primeira frase, qualificar apenas o aumento como espantoso (e, logo, de grande magnitude), enquanto, na segunda frase, qualificava uma ação do Banco Central, essa tida como inesperada e surpreendente (logo, possuindo um valor de polaridade mais negativo em relação à primeira). Assim, a mesma associação ‘alterador+alterado’, a depender do contexto em que é observada, pode resultar em frases finais com polaridades diferentes, ainda que tratem do mesmo assunto e variem apenas em termos de transitividade, sujeito e objeto.

No segundo par, que compreende as frases III e IV, vemos uma diferença de 0.43 valores na média de polaridade, sendo a segunda frase avaliada como mais positiva do que a primeira. O advérbio “absurdamente” traz em si conotação negativa. Porém, em PB, pode ser utilizada também em contextos positivos, sempre reforçando o sentimento expressado. No caso específico das frases analisadas nesse estudo, a alteração se dá mais fortemente na frase IV, por conta da presença de um responsável direto pela ‘mudança absurda’ – nomeadamente, as vacinações. É interessante notar que, mesmo com a menção das vacinações na frase III, a polaridade positiva da frase se torna mais intensa na frase IV, em que ‘vacinações’ atua como seu núcleo do sujeito. Tal diferença numérica significativa parece, segundo explicações fornecidas pelos próprios entrevistados, se dever ao fato de a menção explícita das vacinações como encarregadas pela mudança ser ligada ao contexto positivo majoritariamente associado à campanha de vacinação contra a Covid-19.

O terceiro par resultou em uma diferença de 0.22 valores entre as frases V e VI, sendo novamente a segunda delas a de polaridade mais extrema. Na primeira expressão, não temos a informação explícita sobre qual seria o causador da diminuição do número de mortes; porém, na segunda, “a vacinação” aparece como sujeito responsável pela ação. Evidentemente, a diminuição do número de mortes expressa *per se* um sentimento positivo, mas, quando possuímos um sujeito explícito assumindo a causa da diminuição, a polaridade final pode ser mais positiva. Percebe-se, nos três pares analisados, que a alteração foi mais elevada, para positivo ou para negativo, nos casos que apresentavam transitividade verbal, em comparação com os que apresentavam intransitividade. O motivo pode estar na presença de sujeitos que possuem papéis semânticos de agente/origem da situação apresentada por cada frase. Outra observação relevante a ser retirada dos resultados numéricos se relaciona à repetição de valores

extremos como moda em quatro das seis frases estudadas: isso indica que os falantes consideraram que as palavras de polaridade negativa, no contexto de cada frase, quando associadas a palavras de polaridade positiva ou neutra, resultam em uma expressão final com valor final bastante positivo, reforçando a hipótese da alteração.

5. Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi o de investigar os usos, em meios de notícias relacionados a economia e finanças, de associações de palavras de polaridade negativa com palavras de polaridades neutra ou positiva em PB. Para isso, reunimos em *corpus* doze textos e analisamos palavras e expressões relevantes neles contidas, em termos de polaridade, morfossintaxe e semântica. Também elaboramos um estudo empírico para verificar a gramaticalidade, bem como diferentes usos das expressões estudadas, tendo em mente o contraste explícito entre frases que apresentassem verbos transitivos e frases que tratassem do mesmo assunto, mas que contivessem verbos intransitivos.

A análise do *corpus* contribuiu com um maior entendimento do uso de palavras de polaridade negativa em associação com palavras de polaridades neutra ou positiva em PB; em todos os dez exemplos que apresentaram este fenômeno, as expressões se construíram de maneira a seguir dois princípios: i) o contexto extralinguístico da frase deve ser positivo para que a combinação ‘alterador+alterado’ final tenha um valor também positivo; ii) o alterado, analisado sozinho, deve ter polaridade neutra ou positiva. A partir dos nomeados princípios, pode-se concluir que, quando associadas a palavras de polaridade neutra ou positiva, palavras negativas podem alterar positivamente, a depender do contexto, sua polaridade. Ademais, esse mesmo efeito não pode ser obtido em associações de alteradores negativos com alterados negativos.

O estudo empírico e seus resultados esclareceram diferenças, que puderam ser vistas pelos falantes, em frases que usassem a mesma combinação ‘alterador+alterado’, mas com construções sintáticas ligeiramente diferentes (sobretudo no que tange à transitividade dos verbos principais). Seria interessante, em um artigo futuro, expandir tanto o número de pares de frases elaboradas, quanto o número de falantes pesquisados, para que os resultados fossem mais abrangentes e pudessem indicar tendências de fato.

Os dados analisados neste estudo não foram suficientes para sinalizar uma tendência de uso. Um futuro alargamento do *corpus* na continuação desta pesquisa permitirá uma análise

mais aprofundada das palavras negativas em posição de alteradores. Assim, o estudo poderia ser ampliado para outras classes de palavras além dos advérbios e adjetivos, que foram salientados prioritariamente como alteradores até o presente momento.

Referências

- Alves, E. 2008. Léxico de discurso: as classes de palavras no léxico especializado da economia. *Signótica*: 189–198. Disponível na internet em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/3647/3408>, acessado em 16.11.2021.
- Benamara, F.; Cesarano, C.; Picariello, A.; Reforgiato, D.; Subrahmanian, V. (Eds.). 2007. Sentiment analysis: Adjectives and adverbs are better than adjectives alone. Proceedings of the International Conference on Weblogs and Social Media. Colorado: ICWSM. Disponível na internet em: <https://www.icwsm.org/papers/3--Benamara-Cesarano-Picariello-Reforgiato-Subrahmanian.pdf>, acessado em 16.11.2021.
- Chemalle, T. 2019. Ensaio sobre Eficiência Informacional: o Bitcoin e o Mercado da Arte. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas. Disponível na internet em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/28038/Dissertação%20de%20Mestrado%20-%20Ensaio%20Sobre%20Eficiência%20Informacional%20-%20Thierry%20Chemalle.pdf?sequence=3&isAllowed=y>, acessado em 20.01.2022.
- Lopes, P. 2015. Sentiment Analysis in Financial News. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto. Disponível na internet em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/80759/2/36774.pdf>, acessado em 16.11.2021.
- Nascimento, P. 2014. Dicionário de Polaridades para Apoio a Análise de Sentimento. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível na internet em: <https://www.pesc.coppe.ufrj.br/uploadfile/1411752690.pdf>, acessado em 16.11.2021.
- Oliveira, D. 2018. Domain-specific approaches to sentiment analysis in economics. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto. Disponível na internet em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116486/2/296297.pdf>, acessado em 16.11.2021.
- Silva, F.; Silvano, P.; Leal, A.; Oliveira, F. Brazdil, P.; Cordeiro, J.; Oliveira, D. 2018. Análise de sentimento em artigos de opinião. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 13: 79–114. Disponível na internet em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9090/1/SilvaEtAt2018.pdf>, acessado em 16.11.2021.
- Taboada, M. 2016. Sentiment Analysis: An Overview from Linguistics. *Annual Review of Linguistics* 2(1): 325–347. Disponível na internet em: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011415-040518>, acessado em 16.11.2021.

Trnavac, R., Das, D., Taboada, M. 2015. Discourse relations and evaluation. *Corpora* 11(2) : 169-190. Disponível na internet em:
https://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Trnavac_Das_Taboada_Corpora.pdf,
acedido em 16.11.2021.

ANÁLISE CONTRASTIVA DOS TEMPOS VERBAIS DO PASSADO EM INGLÊS, PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS DO BRASIL: O CASO *HARRY POTTER*¹

Ana Louise Pinto Santos Pereira²

analoupsp@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

Juliana Filipa da Cunha Costa³

jucafccosta@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este artigo tem como objetivo verificar quais os tempos verbais mais usados no último capítulo da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J. K. Rowling, numa análise contrastiva entre a versão original, em Inglês (VO), a versão do Português do Brasil (PB) e a versão do Português Europeu (PE). Na presente investigação, foi feito um levantamento de todas as ocorrências de tempos verbais no passado na VO (*Past Simple*, *Past Perfect* e *Past Continuous*), na versão do PB (Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Pretérito Mais-Que-Perfeito) e no PE (Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Pretérito Mais-Que-Perfeito), seguida de uma análise quantitativa. Consideramos também importante a análise do aspeto Progressivo em conjunto com o Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, construído no PE com o verbo *estar* + infinitivo e no PB com o verbo *estar* + gerúndio. Foi feita também uma verificação de correspondência entre os tempos verbais na VO e os tempos verbais na versão traduzida para PE e PB. Foi possível concluir que o *Past Simple* foi o tempo verbal mais utilizado na VO, sendo o Pretérito Perfeito o mais utilizado, tanto no PE, como no PB, seguido do Pretérito

¹ Na realização das anteriores versões deste artigo tivemos a colaboração de Adriana Oliveira Guimarães e Jorge Miguel da Silva Miranda, ambos estudantes do 1.º ano de Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante de Linguística.

² Na redação do artigo, aluna do 1.º ano de Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante de Linguística.

³ Na redação do artigo, aluna do 1.º ano de Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante de Linguística.

Imperfeito. O Pretérito Mais-Que-Perfeito e o Passado Progressivo não foram muito utilizados, em ambas as versões, embora o Passado Progressivo tenha sido um pouco mais frequente no PB.

PALAVRAS-CHAVE. Tradução, análise contrastiva, tempos verbais do passado.

ABSTRACT. This article aims to verify which are the most used verb tenses in the last chapter of *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, by JK Rowling, in a contrastive analysis between the original English version (OV), the Brazilian Portuguese version (BP) and the European Portuguese version (EP). In the present investigation, we annotated all occurrences of the past tense in the OV (Past Simple, Past Perfect, and Past Continuous), in the BP version (*Pretérito Perfeito*, *Pretérito Imperfeito*, and *Pretérito Mais-Que-Perfeito*) and in the EP version (*Pretérito Perfeito*, *Pretérito Imperfeito*, and *Pretérito Mais-Que-Perfeito*), followed by quantitative analysis. We also consider it important to analyze occurrences of the Progressive with *Pretérito Perfeito* and *Pretérito Imperfeito*, built with the verb *estar* + infinitive in EP, and the verb *estar* + gerund, in BP. We also checked for correspondences between the tenses in the original version and the tenses in the translated versions, both into BP and EP. We concluded that the Simple Past was the most used verb tense in the OV and the *Pretérito Perfeito* was the most used, both in the EP and in the BP versions, followed by the *Pretérito Imperfeito*. The *Pretérito Mais-Que-Perfeito* and the *Passado Progressivo* verb tenses were scarcely used in both of the translated versions, although the *Passado Progressivo* was slightly more frequently used in BP.

KEYWORDS. Translation, contrastive analysis, past tense.

1. Introdução

No presente trabalho, propusemo-nos a analisar alguns tempos verbais do passado, no capítulo 17 da obra *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, da autoria de J. K. Rowling, num estudo contrastivo da obra original com as traduções em Português Europeu (doravante PE) e em Português do Brasil (doravante PB), de forma a perceber quais os mais usados, tanto na versão original, como nas duas versões traduzidas.

Assim, o problema que motivou a presente investigação pode ser formulado da seguinte forma: «Quais são as diferenças entre o uso de alguns tempos verbais do passado no PE e no PB em relação à versão original?». Dado que o *corpus* selecionado para análise foi retirado de

um texto narrativo, antecipamos que os tempos verbais mais usados sejam o Passado Simples (Simple Past), na VO, e o Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, nas versões traduzidas.

Os tempos verbais do passado selecionados para este estudo foram os seguintes: na VO, *Past Simple*, *Past Perfect* e *Past Continuous*; no PE e no PB, o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Mais-Que-Perfeito e o Passado Progressivo (construído tanto na forma do Pretérito Perfeito, como na do Pretérito Imperfeito). Tendo em conta o objetivo delineado para a execução deste trabalho, foram considerados os estudos de Greenbourn & Quirk (1990), Bechara (1997) e Oliveira (2003, 2013), que serão revistos na secção seguinte.

A metodologia escolhida para a realização deste trabalho baseia-se na anotação manual do *corpus* dos tempos verbais selecionados, na análise quantitativa dos mesmos e na verificação da existência de correspondência, ou não, na tradução dos tempos verbais do Inglês para as versões em Português.

Nesse sentido, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, é feito um enquadramento teórico do tema, tendo como base estudos dos autores já acima mencionados (secção 2); seguidamente, na secção 3, apresenta-se o *corpus* que foi utilizado como objeto de análise, descrevendo-se, também, a metodologia de trabalho (cf. 3.1), passando, de seguida, à análise dos dados (cf. 3.2); na secção 4, são apresentados os resultados obtidos, bem como a análise dos mesmos: primeiramente, são expostos os resultados relativos, através de uma comparação entre VO e PE, VO e PB e PE e PB; por fim, a última secção é dedicada às considerações finais (cf. 5).

2. Enquadramento teórico

Na análise feita, foram considerados, na VO, os tempos verbais *Simple Past*, *Past Perfect* e *Past Continuous* e, nas versões do PE e do PB, foram analisadas as ocorrências de Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito e Passado Progressivo, numa tentativa de encontrar os tempos verbais correspondentes à VO.

Nesta secção, será feita uma breve caracterização semântica desses tempos.

2.1. Os tempos do passado em Inglês

O *Simple Past* é usado para falar sobre uma situação que ocorreu num determinado período do passado, como referem Greenbaum & Quirk (1990: 50): “The simple past is used to refer to a situation set at a definite time in the past.”

Este tempo verbal pode ter um valor terminativo ou imperfetivo. Por isso, a tradução para Português pode ser feita recorrendo tanto ao Pretérito Perfeito, como ao Pretérito Imperfeito. Note-se, ainda, que o *Simple Past* também pode ser utilizado para representar situações habituais, num intervalo de tempo passado.

O *Past Perfect* é usado para descrever uma situação que sucede antes de outra, no passado, como se comprova pelo que é referido pelos mesmos autores, anteriormente citados: “The past perfect refers to a time earlier than another past time” (Greenbaum & Quirk 1990: 53).

No que diz respeito ao *Past Continuous*, de acordo com Greenbaum & Quirk (1990), este representa uma situação que ocorre no passado e é representada como estando ainda a decorrer, como é próprio dos tempos progressivos: “The progressive focuses on the situation as being in progress at a particular time” (Greenbaum & Quirk 1990: 53).

2.2. Os tempos do passado em Português

O Pretérito Perfeito, tal como mencionado anteriormente, refere algo que ocorreu no passado e já terminou, como afirma Oliveira (2003: 156): “O Pretérito Perfeito é (...) um tempo do passado, embora não seja perfeito (...). É, no entanto, sempre terminativo (...)”.

Relativamente ao Pretérito Imperfeito, podemos dizer que é “um tempo gramatical com informação de passado, mas que em muitas construções não apresenta características temporais” (Oliveira 2003: 156). Quando tem leituras temporais, representa uma situação como não terminada.

Seguidamente, o Pretérito Mais-Que-Perfeito representa uma situação que ocorreu antes de outra situação no passado, podendo ser simples ou composto.

Por último, o Passado Progressivo descreve uma situação passada no seu decurso: “(...) apresentam (...) algumas características interessantes, sendo uma das mais relevantes o serem perspectivadas como estando a decorrer.” (Oliveira 2003: 146). A situação neste aspeto pode ser perspectivada como inacabada, usando-se, neste caso, o Pretérito Imperfeito no verbo auxiliar ‘estar’. Pode, ainda, ser perspectivada como terminada, conjugando-se, nesse caso, o verbo auxiliar no Pretérito Perfeito.

3. O estudo

3.1. O *corpus* e a metodologia

Para a construção do *corpus*, foram recolhidas todas as ocorrências dos tempos verbais no *Past Simple*, *Past Perfect* e *Past Continuous*, na VO, e no Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito e Passado Progressivo, na versão do PE e do PB, presentes no capítulo 17 da obra de J.K. Rowling, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. O presente trabalho pretende, além de perceber quais os tempos verbais passados mais usados em cada uma das versões, realizar uma comparação entre versões, com o intuito de verificar se há uma tradução correspondente entre elas.

Para isto, procedeu-se à análise de todo o capítulo, identificando todas as formas verbais existentes nos tempos verbais já acima referidos, passando-se, depois, à análise quantitativa e também contrastiva entre cada um deles. Registaram-se 488 formas verbais nos referidos tempos na VO, 513 na versão do PE e, por fim, 542 na do PB.

3.2. Análise do *corpus*: os tempos verbais em cada uma das versões

Após a realização deste estudo, foi possível verificar que o tempo verbal mais usado no último capítulo do primeiro livro da coleção de *Harry Potter*, na sua versão inglesa, é o *Simple Past* (435), logo seguido pelo *Past Continuous* (31) e, finalmente, o *Past Perfect* (22).⁴

Os seguintes excertos, retirados do capítulo em análise, ilustram a predominância do *Simple Past*, relativamente à utilização do *Past Perfect* e do *Past Continuous*.

- (1) You're too nosy to live, Potter. Scurrying around the school at Halloween like that, for all I **knew** you'd seen me coming to look at what **was guarding** the Stone. (P209, 210: L30, 1-2)
- (2) Quirrell's voice **tailed** away. Harry **was remembering** his trip to Diagon Alley – how could he have been so stupid? He'd **seen** Quirrell there that very day, shaken hands with him in the Leaky Cauldron. (P211:L14-17)
- (3) We must have crossed in mid-air. No sooner **had I reached** London than it **became** clear to me that the place I should be **was** the one I **had just left**. I **arrived** just in time to pull Quirrell off you. (P215:L10-13)

No caso da versão traduzida para PE, pode afirmar-se que o tempo verbal que predomina é o Pretérito Perfeito (362), seguido do Pretérito Imperfeito (123), do Pretérito Mais-Que-Perfeito (18) e do Passado Progressivo (9).

Os excertos representativos dos tempos verbais mais usados neste capítulo da versão PE são apresentados a seguir.

- (4) - Bem, eu **voltei** - disse Hermione. - **Trouxe** o Ron comigo, o que **demorou** um bocado, e **estávamos** a chegar à Torre das Corujas para entrar em contacto com o Dumbledore quando o **avistamos** a entrar no hall. Ele já **sabia**. **Limitou-se** a dizer: «O Harry foi atrás dele, não foi?», e **partiu** como uma flecha para o terceiro andar. (P248:L34-39)
- (5) - Devemos ter-nos desencontrado no ar. Mal **cheguei** a Londres, **apercebi-me** de que o lugar onde devia estar **era** aquele de onde **acabara** de sair. **Cheguei** aqui mesmo a tempo de afastar o Quirrell de ti. (P244:L31-33)
- (6) Entretanto, Neville, que **empalidecera** com o choque, **desaparecera** debaixo de um monte de pessoas que não **paravam** de o abraçar. Nunca antes daquele dia **tinha ganho** (verbo *ter* no Pretérito Imperfeito + verbo principal no Particípio Passado) um único ponto para os Gryffindor. (P252:L23-26)

No que se refere à versão traduzida para PB, verificamos igual predominância do Pretérito Perfeito (380); o uso do Pretérito Imperfeito é, no entanto, menos significativo (125). Seguem-se o Passado Progressivo (19) e o Pretérito Mais-Que-Perfeito (18).

Tal como nos casos anteriores, ilustra-se o uso destes tempos verbais com exemplos retirados do capítulo analisado (cf. (7)-(9)).

- (7) Você é muito metido para continuar vivo, Potter. Sair correndo pela escola no Dia das Bruxas daquele jeito e, pelo que **imaginei**, me **viu** descobrir o que é que **estava guardando** a pedra. (P209:L1-3)
- (8) Não **conseguia** mover nem um músculo. Petrificado, viu Quirrell erguer os braços e começar a desenrolar o turbante. **Que estava acontecendo?** (P211:L27-28)
- (9) Harry desceu para a festa de fim de ano sozinho aquela noite. **Atrasara-se** com os cuidados de Madame Pomfrey, que insistiu em lhe fazer um último check-up, de modo que o Salão Principal já se **encherá**. (P219:L27-29)

4. Análise contrastiva

No decorrer deste estudo procurou-se, ainda, determinar se havia ou não correspondência dos tempos verbais nas diferentes versões, apresentando-se, abaixo, os resultados da análise contrastiva, relativa à tradução da VO para o PE e para o PB.

	VO - PE	VO - PB
De <i>Simple Past</i> para Pretérito Perfeito	319	312
De <i>Simple Past</i> para Pretérito Imperfeito	90	76
De <i>Simple Past</i> para Passado Progressivo	0	4
De <i>Simple Past</i> para Pretérito Mais-Que-Perfeito	2 (1 composto)	4 (1 composto)
De <i>Past Continuous</i> para Passado Progressivo	6	14
De <i>Past Continuous</i> para Pretérito Mais-Que-Perfeito	2	0
De <i>Past Continuous</i> para Pretérito Imperfeito	11	10
De <i>Past Continuous</i> para Pretérito Perfeito	4	2
De <i>Past Perfect</i> para Pretérito Perfeito	4	11
De <i>Past Perfect</i> para Pretérito Mais-Que-Perfeito	12 (5 composto)	10
De <i>Past Perfect</i> para Pretérito Imperfeito	3	1

Quadro I. Análise comparativa dos tempos verbais da VO com as versões do PE e do PB

Começando pela comparação entre a VO e a versão do PE, verifica-se, como se comprova pelo Quadro I, que o *Simple Past* é traduzido para Pretérito Perfeito (cf. (10)) e para Pretérito Imperfeito (cf. (11)), como ilustrado pelos seguintes exemplos:

- (10) a. But Snape **tried** to kill me! (P209:L13)
b. Mas o Snape **tentou** matar-me! (P238:L14)
- (11) a. Snape, who already **suspected** me (P210:L6-7)
b. Snape, que já então **suspeitava** de mim (P239:L8)

Quanto à tradução do *Past Perfect*, verifica-se que é feita recorrendo a grande parte dos tempos verbais analisados, ou seja, ao Pretérito Perfeito (cf. (12)), ao Imperfeito (cf. (13)), ao Mais-Que-Perfeito simples (cf. (14)) e ao Mais-Que-Perfeito composto (cf. (15)).

- (12) a. No sooner **had I reached** London than it became clear to me (P215:L10-11)
b. Mal **cheguei** a Londres, apercebi-me de que (P244:L31-32)
- (13) a. Somehow - incredibly - he'**d got** the Stone. (P212:L12-13)

- b. inacreditavelmente, ele **tinha** a Pedra. (P241:L19)
- (14) a. He'd **seen** Quirrell there that very day (P211:L15-16)
b. Ele **vira** lá Quirrell nesse mesmo dia (P240:L21-22)
- (15) a. to see where Quirrell **had gone**. (P213:L28-29)
b. para tentar perceber para onde Quirrell **tinha ido**. (P243:L3)

Por último, o *Past Continuous* foi traduzido, sobretudo, para o Pretérito Imperfeito e para o Passado Progressivo, como se pode verificar nos exemplos (cf. (16) e (17)). Sempre que esta tradução é feita para o Passado Progressivo, verifica-se que o verbo 'estar' se encontra no Pretérito Imperfeito. Uma tradução para o Passado Progressivo com o verbo 'estar' no Pretérito Perfeito implicaria que o tempo verbal utilizado na versão original fosse o *Past Perfect*, que não foi analisado no presente trabalho.

- (16) a. to look at what **was guarding** the Stone. (P210:L1-2)
b. ir espreitar aquilo que **guardava** a Pedra. (P239:L3)
- (17) a. I thought Snape **was threatening** you. (P210:L37-38)
b. Pensei que o Snape **estava a ameaçá-lo**. (P240:L1-2)

Ao comparar ambas as versões, i.e., a VO com a versão do PB, observa-se que há alguma diversidade na forma como este tempo verbal é traduzido, como se pode depreender pela análise do quadro I.

No que diz respeito à comparação entre o *Simple Past* e aquelas que são as formas correspondentes no Português, foram encontrados vários excertos em que este tempo verbal, na versão inglesa, é traduzido para o Pretérito Perfeito (cf. (18)) ou para o Pretérito Imperfeito (cf. (19)), na versão do PB. Assim, parece possível afirmar que tal comportamento está de acordo com o esperado, dado que, em Inglês, este tempo pode veicular quer um valor terminativo quer imperfetivo.

- (18) a. 'Of course,' **said** Quirrell coolly. (P209:L21)
b. – É claro – **disse** Quirrell calmamente. (P208:L20)
- (19) a. A foolish young man I **was** then (P211:L5-6)
b. Eu **era** um rapaz tolo naquela época (P210:L4-5)

Quanto ao *Past Perfect*, verifica-se que este é traduzido, maioritariamente, para o Pretérito Mais-Que-Perfeito (cf. (20)). No entanto, há várias traduções também no Pretérito Perfeito (cf. (21)) e apenas uma no Pretérito Imperfeito (cf. (22)).

- (20) a. But he **hadn't walked** five paces before a high voice spoke, (P212:L21)
b. Mas não **dera** cinco passos quando uma voz alta falou, (P211:L17)
- (21) a. When he **had found** his voice again, Harry **said** (P117:L3)
b. Quando **recuperou** a voz, **disse**: (P216:L6)
- (22) a. Somehow - incredibly - he'**d got** the Stone. (P212:L12-13)
b. De alguma forma – inacreditável – **estava** de posse da Pedra. (P211:L7-8)

Por último, o *Past Continuous* é traduzido, em grande parte dos casos, para o Pretérito Perfeito (cf. (23)) e Pretérito Imperfeito (cf. (24)), havendo ainda casos – raros – de tradução para o Passado Progressivo (cf. (25)).

- (23) a. Snape **was shaking** Professor McGonagall's hand, (P222:L11-12)
b. Snape **apertou** a mão da Profa. Minerva, (P221:L20-21)
- (24) a. Harry's mind **was racing**. (P211:L21)
b. A cabeça de Harry **pensava** a mil. (P210:L18)
- (25) a. Quirrell **was walking** backwards at him (P213:L15)
b. Quirrell **estava andando** de costas para ele (P212:L12)

Passe-se, agora, à comparação entre as traduções nas duas variedades do Português, de forma a melhor perceber quais os tempos verbais mais usados e a sua respetiva correspondência.

PE	PB	Ocorrências
Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito	289
Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	6
Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	1 (forma composto)
Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	66
Pretérito Imperfeito	Pretérito Perfeito	14
Pretérito Imperfeito	Passado Progressivo	9
Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	2 (1 em cada forma dos modos)
Passado Progressivo	Passado Progressivo	5
Passado Progressivo	Pretérito Imperfeito	1
Pretérito Mais-Que-Perfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	12 (7 simples; 5 composto)
Pretérito Mais-Que-Perfeito	Pretérito Imperfeito	1

Quadro II. Análise comparativa dos tempos verbais da versão do PE com a do PB.

No que diz respeito à comparação entre o PB e o PE, verifica-se uma grande similaridade quanto aos tempos usados, apenas com a alteração, em grande parte dos casos, do verbo selecionado.

Nos casos em que se utiliza o Pretérito Perfeito, nota-se que, de um total de 407 verbos analisados, 289 estão neste tempo verbal, nas duas versões portuguesas (cf. (26)). Já nas restantes formas verbais, encontram-se, apenas, seis casos em que, na versão PB, se opta pelo Pretérito Imperfeito (cf. (27)) e apenas um em que o tempo utilizado para a tradução é o Pretérito Mais-Que-Perfeito (cf. (28)).

- (26) a. **confirmou** Quirrell, tranquilamente. (P238:L22)
b. **disse** Quirrell calmamente. (P208:L20)
- (27) a. O teu pai **usou-o** muitas vezes para se escapular (P246:L38-39)
b. seu pai **usava-a** principalmente para ir (P216:L9-10)
- (28) a. Todos eles **acalentaram** a vaga esperança de (P253:L14-15)
b. **Tinham tido** esperanças (P221:L33)

Relativamente ao Pretérito Imperfeito (cf. (29)), foram encontradas 66 correspondências na versão do PB. Além disso, em 14 exemplos, em vez do Pretérito Imperfeito, foi usado o Pretérito Perfeito (cf. (30)) e, em 9, foi escolhido o Passado Progressivo (cf. (31)). O tempo verbal menos utilizado, neste caso, foi o Pretérito Mais-Que-Perfeito (cf. (32)), com apenas duas ocorrências, uma na forma simples e outra na forma composta.

- (29) a. ele **tinha** a Pedra (P241:L19)
b. **estava** de posse da Pedra (P211:L7-8)
- (30) a. Snape **apertava** a mão da professora McGonagall (P252:L37)
b. Snape **apertou** a mão da Profa. Minerva (P221:L20-21)
- (31) a. espreitar aquilo que **guardava** a Pedra (P239:L3)
b. o que é que **estava guardando** a pedra. (P209:L3)
- (32) a. **Estavam** com cem pontos a mais (P252:L5)
b. **tinham subido** cem pontos. (P220:L31)

Quanto ao Passado Progressivo, foram encontrados cinco casos em que este tempo verbal foi utilizado para fazer a tradução da versão original, tanto em PE, como em PB (cf. (33)). Como esperado, no caso da tradução para o PB, o verbo principal encontra-se no gerúndio, característica própria da variedade do PB. De mencionar, também, uma única tradução para o Pretérito Imperfeito, ilustrada em (34).

- (33) a. o Snape **estava a ameaçá-lo** (P240:L2)
b. Snape o **estava ameaçando** (P209:L34-35)
- (34) a. A cara cruel **estava agora a sorrir** (P242:L27)
b. O rosto malvado **sorria** agora. (P212:L13)

Por último, sempre que o Pretérito Mais-Que-Perfeito surge na versão do PE, há doze correspondências para o mesmo tempo verbal (cf. (35)), na versão do PB. De notar que, entre estas doze ocorrências, sete encontram-se na forma simples e as restantes na composta. Foi, também, encontrada uma ocorrência no Pretérito Imperfeito (cf. (36)).

- (35) a. Ele **vira** lá Quirrell nesse mesmo dia (P240:L21-22)
b. Ele **vira** Quirrell lá naquele dia (P210:L14-15)
- (36) a. **desaparecera** debaixo de um monte de pessoas que não paravam (P252:L23-24)
b. enquanto Neville, branco de susto, **desaparecia** (P221:L9)

5. Considerações finais

Tendo como questão de partida: «Quais são as diferenças entre o uso de alguns tempos verbais do passado em PE e em PB na tradução do Inglês?», realizaram-se os seguintes passos durante a presente investigação: em primeiro lugar, foi feita a anotação manual do *corpus* dos tempos verbais selecionados para este estudo (no caso da VO, em inglês: *Simple Past*, *Past Perfect* e *Past Continuous*; e, no caso das versões do PE e do PB: Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito e Passado Progressivo); seguidamente, foi feita uma análise quantitativa dos tempos verbais em cada uma das versões, criando-se, simultaneamente, gráficos; fizemos também a verificação de correspondências na tradução dos tempos verbais do Inglês para as duas versões em Português e, depois, a verificação de correspondências entre as traduções para as duas variedades do Português.

A referida investigação revelou que, num total de 448 formas verbais, o tempo mais usado na versão original (em Inglês) é o *Simple Past*, com mais de 80% de utilização, e que, nas versões traduzidas para o PB e para o PE (tendo-se analisado, respetivamente, 542 e 513 formas verbais), o Pretérito Perfeito é o que mais se destaca, sendo uma das traduções do *Simple Past* e ultrapassando os 70% de utilização. É, ainda, possível concluir que, no caso do Pretérito Mais-Que-Perfeito, há uma maior utilização da forma simples do que da composta, e que a frequência do uso do Passado Progressivo é um pouco maior na variedade do PB.

Dessa forma, os resultados obtidos permitem comprovar uma das hipóteses inicialmente colocadas: por se tratar de um texto narrativo, os tempos verbais mais usados são, na VO, o *Simple Past* e, no PE e no PB, o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito. Além disso, pôde, ainda, verificar-se que, no que se refere à comparação entre as versões traduzidas nas duas variedades do Português, são quase sempre usados os mesmos tempos verbais, mudando apenas, por vezes, o verbo em questão.

Referências

- Bechara, E. 1997. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional.
- Greenbourn, S.; Quirk, R. 1990. *A Student's Grammar of the English Language*. 1st edition. Harlow, United Kingdom: Pearson Education Limited / Longman.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspeto. In *Gramática da Língua Portuguesa* (127-178). Lisboa: Caminho.

Oliveira, F. 2013. Tempo Verbal. In Gramática da Língua Portuguesa (Vol. I, 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fontes

Rowling, J. K. 1999. Harry Potter and the Sorcerer's Stone. Londres: Bloomsbury.

Rowling, J. K. 2000. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Brasil: Rocco.

Rowling, J. K. 2000. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Lisboa: Editorial Presença.

PARA UMA SINTAXE UNIFICADA DE *QUANDO*¹

Maria Luísa Dias Leão²

mluisaleao@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. O morfema *quando*, em Português, ocorre em orações subordinadas adverbiais e relativas (restritivas, apositivas e livres), bem como em orações interrogativas subordinadas e independentes. A partir da sistematização de todos os contextos sintáticos em que *quando* ocorre, apresenta-se a proposta para uma sintaxe unificada de *quando*, defendendo-se a hipótese de que estaremos perante um mesmo constituinte (um morfema Q), que apresenta a propriedade sintática de operador [+Q], o que lhe permite derivar estruturas de adjunção ou complementação a diferentes constituintes, envolvendo Movimento Q e unindo, por isso, os valores de morfema e de conector.

PALAVRAS-CHAVE. *Quando*, subordinação adverbial e relativa, interrogativas parciais, interrogativas subordinadas, movimento Q.

ABSTRACT. The morpheme *quando* ('when'), in Portuguese, occurs in adverbial subordinate clauses, in relative subordinate clauses (restrictive, non-restrictive, and free relatives), and in subordinate and independent interrogative clauses. From the systematization of the main syntactic contexts in which *when* occurs, we present the proposal for a unified syntax of *when*. The hypothesis states that *when* is always the same constituent (a *wh* morpheme), which presents the syntactic property of being an operator, and allows to derive adjunction or complementation structures to different constituents, involving *wh* movement and therefore combining *wh* morpheme and connective values.

¹ Este artigo parte da minha tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem, defendida no dia 15 de novembro de 2021, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Brito, a quem agradeço a supervisão. Agradeço também ao avaliador do artigo e à equipa editorial da Revista elingUP a sua publicação.

² Estudante do 3.º ciclo de estudos em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Volume 11 | n.º 1 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

KEY-WORDS. *When*, adverbial and relative subordination, embedded *wh* interrogatives, independent interrogatives, *wh* movement.

1. Introdução

A partir da observação de várias orações iniciadas por *quando*, é possível verificar que a sintaxe de *quando* não é, aparentemente, uniforme, conforme opinião de Brito (2003: 665). Nos últimos anos, porém, tem havido várias propostas no sentido de unificar alguns dos valores de *quando*. De facto, Mória (1992, 2001) aproxima certas orações subordinadas adverbiais das orações relativas, chegando mesmo a propor que *quando*, ao lado de *como*, deve ser incluído no leque dos pronomes/morfemas relativos. Já no caso do Inglês, Haegeman (2010) sugere igualmente uma aproximação entre o *when* conector e o *when* morfema *wh*.

A questão a ser discutida neste estudo é, precisamente, a de saber se é possível propor uma sintaxe unificada de *quando* em Português.

O artigo está organizado do seguinte modo: depois desta brevíssima introdução, no ponto 2., fazemos uma descrição, necessariamente sumária, dos principais contextos sintáticos em que *quando* ocorre em Português; em 3., defendemos a hipótese de que é possível propor uma sintaxe unificada das orações de *quando*; e, em 4., apresentamos as principais conclusões deste estudo.

2. Heterogeneidade sintática das orações de “quando”?

Neste ponto, vamos analisar, embora de maneira breve, os múltiplos contextos sintáticos em que *quando* ocorre, e descrever as propriedades sintáticas que permitem que este morfema/conector ocorra nesses diferentes contextos.

Deste modo, começamos por fazer uma listagem dos diferentes contextos sintáticos, seguida de exemplos ilustrativos:

- oração subordinada **adverbial não periférica** (em posição final)

(1) Recordei a minha infância *quando nos conhecemos*.
- oração subordinada **adverbial não periférica** (em posição inicial)

(2) *Quando nos conhecemos*, recordei a minha infância.
- oração subordinada **adverbial periférica** (com valor contrastivo)

(3) Recordei a minha infância, *quando (sabia que) isso me ia fazer sofrer*.
- oração subordinada **relativa restritiva**

(4) Recordo o sábado *quando nos conhecemos*.
- oração subordinada **relativa não restritiva** (apositiva)

(5) No sábado, *quando nos conhecemos*, quase desmaiei.
- oração subordinada **relativa livre**

(6) Adorei *quando nos conhecemos*.
- oração subordinada **interrogativa parcial imprópria**

(7) Sei *quando nos conhecemos*.
- oração subordinada **interrogativa parcial própria**

(8) Perguntaram-me *quando nos conhecemos*.
- oração **interrogativa independente**

(9) *Quando nos conhecemos?*

Partindo da observação da listagem anterior, podemos concluir que as orações em que *quando* ocorre, além de poderem iniciar uma interrogativa independente, pertencem a três tipos

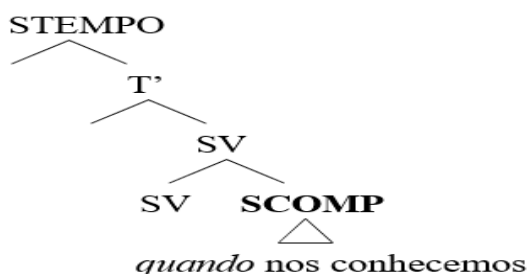
de subordinação (adverbial, relativa e completiva); daí haver argumentos para sustentar, num primeiro momento, a heterogeneidade sintática das orações de *quando*.

As frases de *quando*, em Português, têm sido descritas por vários gramáticos e linguistas, destacando-se, no quadro da Sintaxe Generativa, os estudos de Mória (1992, 2001), Brito (2003) e Lobo (2003). Aceitando, igualmente, estes pressupostos, assumiremos que as orações introduzidas por *quando* são descritas pela categoria funcional SCOMP.

No exemplo (1), aqui repetido em (10), *quando* ocorre no início de uma oração que é modificadora do predicado superior: estas orações admitem mobilidade (*Quando nos conhecemos, recordei a minha infância.*) e clivagem (*Foi quando nos conhecemos que recordei a minha infância.*); estão sob o escopo da negação (*Não recordei a minha infância quando nos conhecemos. – recordei no dia seguinte.*) e de operadores de foco (*Só recordei a minha infância quando te conheci.*); manifestam a próclise em PE, sendo a ênclise agramatical (**Recordei a minha infância quando conheci-te.*); aceitam negativas e interrogativas alternativas (*Não recordei a minha infância quando nos conhecemos, mas sim quando nos separámos.*; *Recordei a minha infância quando nos conhecemos ou quando nos separámos?*); e respondem a interrogativas Q (*- Quando é que recordei a minha infância? - Quando nos conhecemos.*). Desenvolvendo Lobo (2003), *quando* é concebido como um conetor que introduz uma **oração subordinada adverbial não periférica em posição final**, na qual o SCOMP (com *quando* em C) configurará uma estrutura de

adjunção à direita de SV, dentro de STEMPO, conforme a representação simplificada em (10)³:

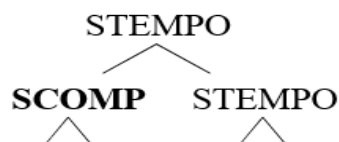
(10) Recordei a minha infância [*quando nos conhecemos*].



³ Na parte final do artigo, a representação de *quando* como núcleo de SCOMP vai ser problematizada. No presente momento, destina-se apenas a destacar o SCOMP, motivo pelo qual não se representa o interior do sintagma, não se preenche o SD, nem se dá conta do movimento de V para T.

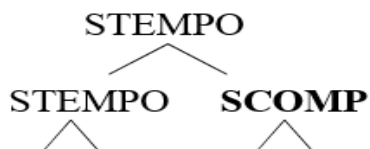
Como sabemos, este tipo de oração pode surgir em posição inicial, como em (2), aqui repetida como (11). Trata-se, também, de uma **oração adverbial não periférica**, uma vez que responde da mesma forma aos testes sintáticos atrás realizados, mas, ao ocorrer **em posição inicial**, configurará uma estrutura de adjunção à esquerda de STEMPO, numa relação de *pair-merge* (compor-par), pois funciona como modificador temporal da frase. Veja-se a estrutura simplificada em (11):

(11) [*Quando nos conhecemos*], recordei a minha infância.



Há, ainda, que ter presente a existência de orações de *quando*, em posição final, que adquirem um sentido contrastivo: estas não possuem mobilidade (pois em posição inicial perdem o sentido contrastivo, ficando só o temporal, veja-se #*Quando todos sabiam que tinha de terminar a tese, o João foi de férias*), e respondem de modo contrário (com agramaticalidade) a todos os testes sintáticos anteriormente mencionados. No exemplo (3), aqui renumerado como (12), a **oração adverbial subordinada é periférica** e tem valor contrastivo (para além do temporal), só podendo ocorrer, para esse sentido, em posição final. Ao funcionar, neste caso, como modificador da frase⁴, será mapeada numa posição externa a STEMPO, em adjunção à direita de STEMPO, na representação simplificada em (12):

(12) Recordei a minha infância, [*quando sabia que isso me ia fazer sofrer*].

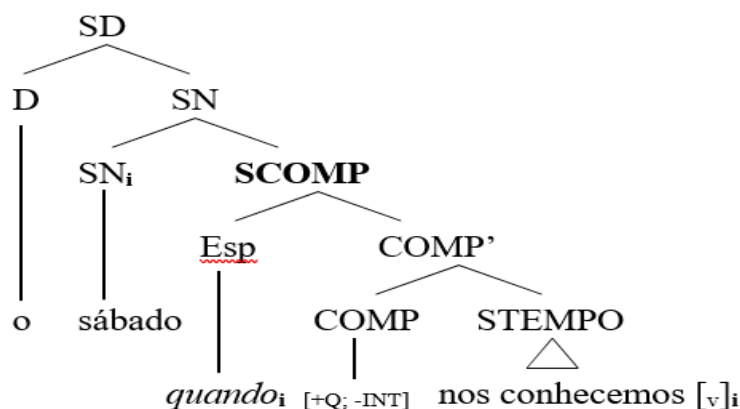


Até este momento, descrevemos as orações de *quando* como subordinadas adverbiais. Contudo, a natureza relativa de certas orações de *quando* foi sugerida em Lopes (1971) e

⁴ Ao contrário das orações de *quando* não periféricas em posição final, que são modificadores do V superior, as que ocorrem em posição final com sentido contrastivo são modificadores de frase.

Mateus *et al.* (1983/1989), sendo retomada, de maneira consistente, por Mória (1992, 2001). Neste contexto, estes autores já sugerem que há um *quando* relativo, um morfema Q com o traço semântico [+ tempo], e que a oração em que este morfema surge desempenha uma função sintática na oração subordinada relativa em que ocorre, geralmente de modificador/adjunto, com valor temporal. No exemplo (4), aqui repetido como (13), a oração com *quando* tem um valor de **oração relativa restritiva (RR)**, representada por adjunção a uma categoria nominal que admitimos ser SN, por ser uma posição mais baixa do que SD - se aceitarmos a “hipótese SD” (Abney, 1987) e a análise das RR de Brito (2005), na medida em que funciona como modificador restritivo de uma expressão nominal (*o sábado*). Recorde-se que, de acordo com a hipótese SD, a categoria nominal que contém uma relativa é um SD, mas a RR é um nó irmão de SN⁵, conforme se descreve na representação simplificada em (13):

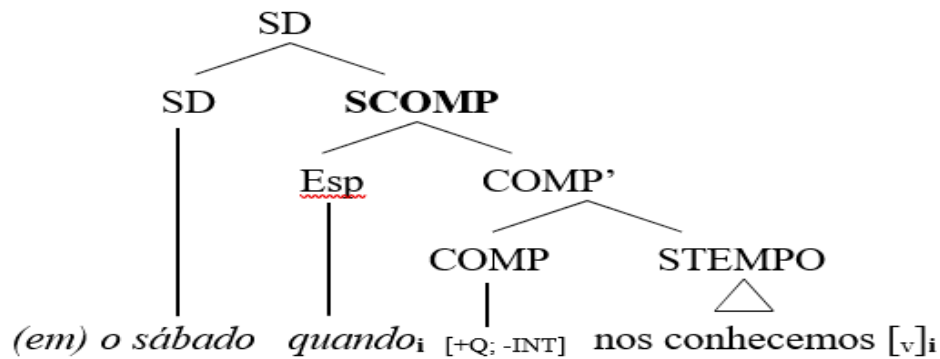
(13) Recordo [o sábado [*quando nos conhecemos*]].



Há, ainda, orações de *quando* relativas não restritivas (ou apositivas), e o exemplo (5), aqui repetido como (14), é ilustrativo desse valor. A oração de *quando*, uma **relativa não restritiva (RNR)**, configura uma estrutura de adjunção a SD, provavelmente como um mecanismo de inserção tardia (por “pair merge”) na derivação (tal como sugerido por Brito 2005), funcionando como modificador não restritivo, apositivo, de SD. Veja-se a representação simplificada em (14), que descreve as propriedades fundamentais deste tipo de construção:

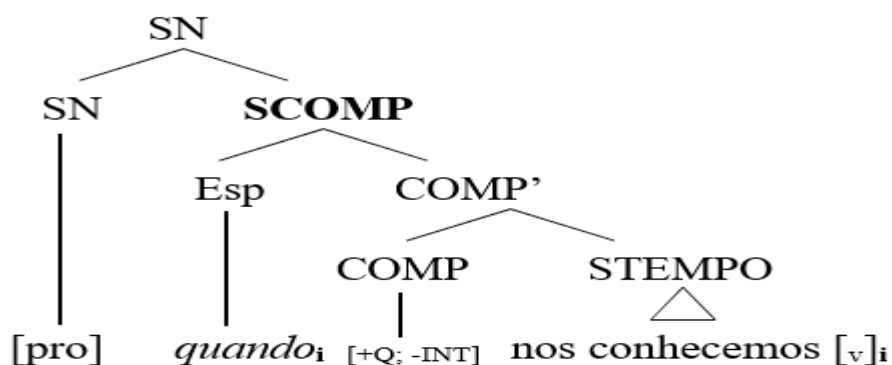
⁵ Trata-se de uma estrutura de adjunção de uma RR a SN, tal como é defendido em Brito (2005).

(14) No sábado, *quando nos conhecemos*, quase desmaiei.



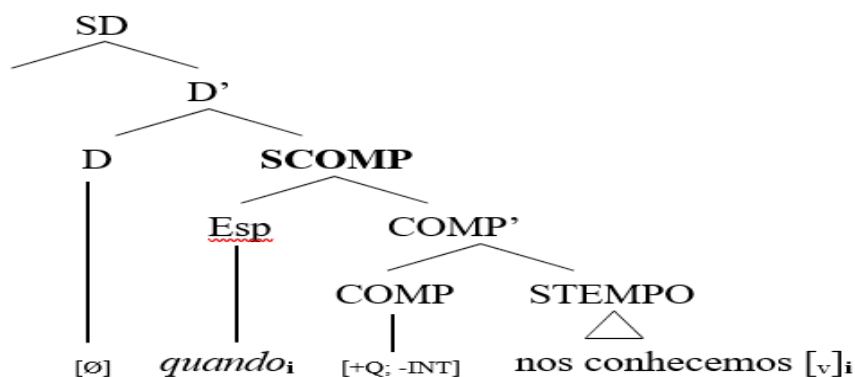
No exemplo (6), aqui renumerado como (15), a oração de *quando* é uma **oração relativa livre (RL)**, de acordo com a análise de Brito (1991), Mória (1992, 1996, 2001), Veloso (2013) e Matos & Brito (2018). Como em todas as relativas livres, a oração subordinada é um constituinte da frase matriz, selecionada pelo verbo principal (neste caso, *adorar*) e desempenha uma função sintática, aqui de OD. De acordo com os autores citados, as RLs têm uma estrutura sintática paralela à das relativas com antecedente; a diferença entre uma relativa com antecedente e uma relativa livre reside no facto de que a RR tem antecedente explícito e o da RL é implícito (um *pro*). Brito (1991) e Mória (1996) propõem uma estrutura como (15):

(15) Adorei [Ø[*quando nos conhecemos*]].



No quadro da hipótese SD, há alternativas a esta estrutura, havendo propostas (Donati 1997, Alexiadou *et al.* 2000: 24, Matos & Brito 2018) no sentido de considerar que não há uma camada SN e que SCOMP é diretamente selecionado por um D nulo. A estrutura poderia ser como em (16):

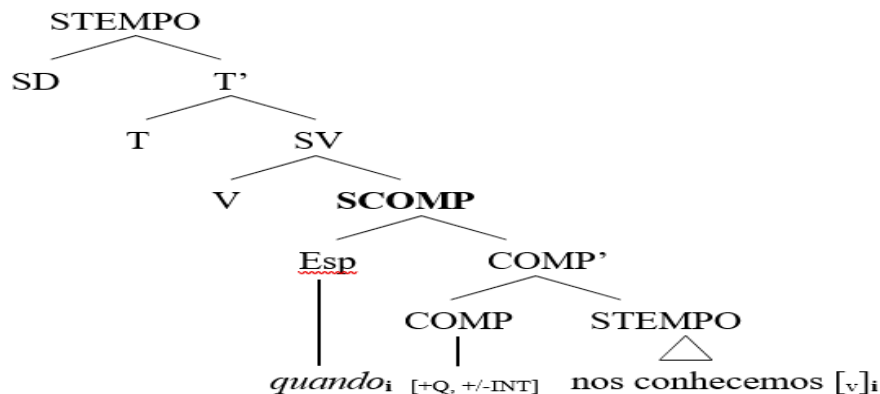
(16)



Até agora analisámos, de forma breve, as orações de *quando* cujas características sintáticas nos permitem integrá-las na subordinação adverbial e na subordinação relativa. Há, ainda, outras frases em que as orações introduzidas por *quando* são argumentos seleccionados por verbos da frase matriz, exprimindo conhecimento/desconhecimento ou inquirição, sendo exemplos de interrogativas parciais subordinadas impróprias (“Sei *quando vens*”) e próprias (“Pergunto *quando vens*”) (Matos & Brito 2013, 2018).

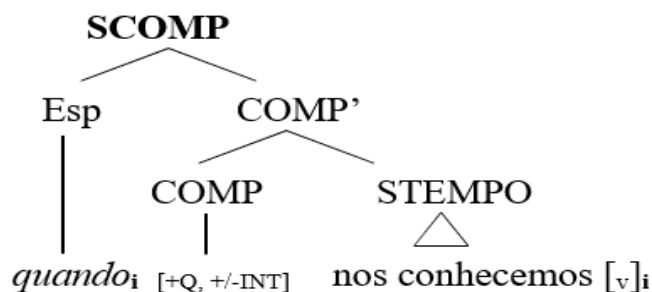
A distinção entre interrogativas próprias e impróprias depende da presença dos traços [+/- int], que são dependentes das características semânticas e sintáticas dos predicados da oração matriz. Recorde-se que, neste tipo de contexto, *quando* é uma expressão -Q de valor adverbial e tem um comportamento sintático próximo de outros morfemas -Q, como *quem*, *o quê*, *onde*, *como*, etc. As interrogativas subordinadas próprias e impróprias introduzidas por *quando* serão descritas pela categoria funcional SCOMP, cujo núcleo (COMP) se caracteriza pelos traços [+Q] e [+/- int], que motivam o movimento dos constituintes interrogativos para a esquerda, para a posição de especificador. O movimento Q deixa um vestígio [_v_i] co-indexado com o constituinte movido (no Programa Minimalista (PM) concebido como uma cópia baixa, em geral não soletrada). Nos exemplos (7) e (8), aqui renumerados como (17), as orações introduzidas por *quando* são **interrogativas subordinadas impróprias e próprias**, sendo argumentos seleccionados pelos verbos da frase matriz, *saber* e *perguntar*, respetivamente. Isto pode ser simplifadamente representado através da estrutura de complementação em (17):

(17) Sei [quando nos conhecemos]. / Perguntaram-me [quando nos conhecemos].



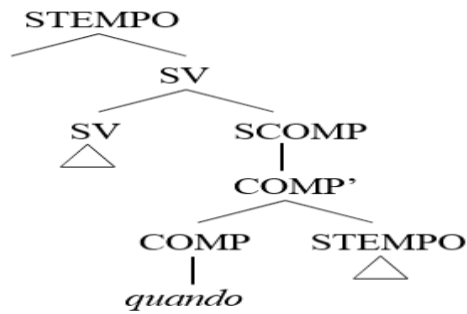
Finalmente, na frase (9), aqui repetida e representada em (18), a oração de *quando* é uma **interrogativa parcial independente**:

(18) [Quando nos conhecemos]?

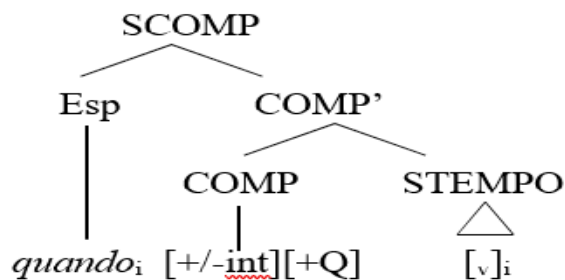


As estruturas acima representadas, de forma sumária, permitem-nos destacar que *quando* reúne os valores de **advérbio** e de **conjunção**. Do ponto de vista diacrónico, já no Latim, ocorria como advérbio e conjunção, partilhando o mesmo radical *qu-* dos pronomes relativos e interrogativos *quis / qui, quae, quid / quod*, que vieram a originar *quem, qual, que*. Do ponto de vista sincrónico e sintático, vimos que *quando* é:

- (i) um **conector em COMP**, marcando uma conexão entre orações, como quando introduz uma oração subordinada adverbial temporal, tal como havíamos visto em (10):



- (ii) ou um **morfema -Q**, isto é, um **operador sintático -Q** movido para a posição à esquerda da frase (Esp de SCOMP), onde é capaz de ligar uma categoria vazia, um vestígio:



Com base nesta descrição, podemos observar que, por trás da heterogeneidade de contextos sintáticos, existem fatores de unidade. Será, então, que estamos perante um mesmo morfema que tem dois valores em Português, ou será que podemos ir mais longe e estamos perante um mesmo constituinte com várias realizações sintáticas que partilham propriedades? É esse o objetivo do ponto seguinte.

3. Sintaxe unificada de “quando”

A discussão dos dois valores de *quando* tornou-se, precisamente, o objetivo principal deste estudo. Recorde-se que, tal como proposto no ponto 2., *quando* é conetor, e, portanto, espera-se que gerado em C (COMP), e *quando* é morfema relativo/interrogativo, movido para especificador de SCOMP. Na medida em que *quando* conetor e *quando* morfema partilham os traços [+Q] e [+tempo], *quando* será sempre um [+OPERADOR] sintático. Assim, a

verificação dos traços [+Q] e [+tempo] de *quando* operador parece ser motivação suficiente para licenciar o movimento -Q, também dentro de um SCOMP adverbial com *quando*.

Haegeman (2010), no estudo *The internal syntax of adverbial clauses*, coloca, precisamente, esta hipótese, para o Inglês: “(...) temporal adverbial clauses are derived by the movement of a temporal operator from within the IP domain to the CP area” (Haegeman 2010:11). Vejamos se esta hipótese se verifica em Português.

A existência de frases como (19),

(19) O João fechou a porta *quando a Maria anunciou que ia entrar*.

que apresentam ambiguidade de escopo, leva-nos a considerar que, às duas leituras, correspondem duas estruturas, ((20) e (21)):

(20) O João fechou a porta [_{SCOMP} quando_i [_{STEMPO} a Maria anunciou [_{SCOMP} que [_{STEMPO} ia entrar]] v_i]].

= *quando* pode ser extraído do interior da oração temporal (no momento em que *a Maria* fez o anúncio da sua entrada).

(21) O João fechou a porta [_{SCOMP} quando_i [_{STEMPO} a Maria anunciou [_{SCOMP} que [_{STEMPO} ia entrar v_i]]]]].

= *quando* pode ser extraído do interior da completiva (no momento da suposta entrada *da Maria*).

Poder-se-á explicar esta ambiguidade se se aceitar a proposta de existência de movimento -Q nestas orações, nas quais *quando* não será gerado na base, na posição mais à esquerda da frase temporal, mas virá do interior da frase temporal, ou do interior da completiva. Desenvolvendo Haegeman (2010:11), nas orações adverbiais, o morfema *quando* será gerado numa posição mais baixa, interna a STEMPO, movendo-se para a posição de especificador de SCOMP, para verificação de traços.

Baseados nos argumentos que acabámos de expor, podemos manter a análise efetuada anteriormente (na linha de Lobo (2003) e Brito (2003)), considerando que, em frases como (22), *quando* introduz uma oração **subordinada adverbial temporal não periférica**:

(22) O Luís saiu [quando a Ana entrou].

Recorde-se que, para Mória (1992, 2001), todas as orações ditas adverbiais temporais não periféricas iniciadas por *quando* são orações relativas. No presente artigo, como vimos no ponto 2., consideramos que nem todas as orações iniciadas por *quando* são relativas, uma vez que, em frases como (22), a oração introduzida por *quando* não é argumento, nem de um SV, nem de um SN, nem de uma preposição. Numa paráfrase possível de (22), existe um SN inserido num SP [*em o momento quando a Ana entrou*], e, nessa paráfrase, a oração de *quando* é uma relativa modificadora desse SN (*o momento...*), desempenhando o morfema *quando* uma função sintática na oração que introduz. Assim, nesse contexto, a oração de *quando* não apresenta mobilidade, nem pode ser clivada.

Ora, em contextos sintáticos como (22), *quando* não desempenha uma função sintática na oração que introduz e, por isso, estas orações apresentam mobilidade, podem ser clivadas e respondem aos testes sintáticos como orações adverbiais temporais (cf. Secção 1).

Assim, reiteramos que, em (22), estamos perante uma oração adverbial temporal e não uma relativa. Na linha de Haegeman (2010: 11), propomos que, nas orações adverbiais, o morfema/conetor *quando* também é gerado numa posição mais baixa interna a STEMPO, movendo-se para a posição de especificador de SCOMP para verificação de traços. Neste sentido, explica-se o paralelismo entre orações adverbiais, relativas e interrogativas subordinadas, relativamente aos fenómenos de extração e de ambiguidade.

Continuando na linha de Haegeman (2010), para o Inglês, também em Português, o conetor subordinativo *quando* é formalmente idêntico ao constituinte relativo e ao interrogativo, pelo que, nas palavras da autora (2010:12): “a movement analysis would be uncontroversial”.

Assim, explicar-se-ia a identidade formal de *quando* nos três tipos de construções analisadas:

(23) O quarto estava às escuras [*quando o João chegou*]. (Sub.Adv.)

(24) [*No sábado [quando o João chegou]*] o quarto estava às escuras. (RR)

(25) Perguntei [*quando o João chegou*]. (Int.Sub.)

Outro aspeto a favor da natureza de morfema Q de *quando* é um argumento de variação.

Apesar de não serem produzidos por falantes que utilizam a norma padrão do PE, em certas variantes coloquiais do PB e em algumas variantes coloquiais africanas, há frases como (26),

- (26) *Quando que assumi funções, uma das questões com que fui confrontado foi dar ou não continuidade a esta Via Expresso.*

nas quais o operador *quando* co-ocorre com o complementador *que* (“*quando que*”): a posição de núcleo de SCOMP está disponível para esse complementador *que* e a posição ocupada por *quando* é a de especificador de SCOMP, obtida por movimento para verificação de traços.

Veja-se, ainda, o que acontece com *quando* como introdutor de uma oração adverbial periférica, com sentido contrastivo, em Português:

- (27) O João abriu a janela, [_{SCOMP} *quando*_j [_{STEMPO} *sabia* [_{SCOMP} *que* [_{STEMPO} *a Maria tinha fechado a porta* [-]_j por causa das correntes de ar]]]].

- (28) *O João abriu a janela, [_{SCOMP} *quando*_j , *a porta*_i , [_{STEMPO} *sabia* [_{SCOMP} *que* [_{STEMPO} *a Maria tinha fechado* [-]_i [-]_j por causa das correntes de ar]]]].

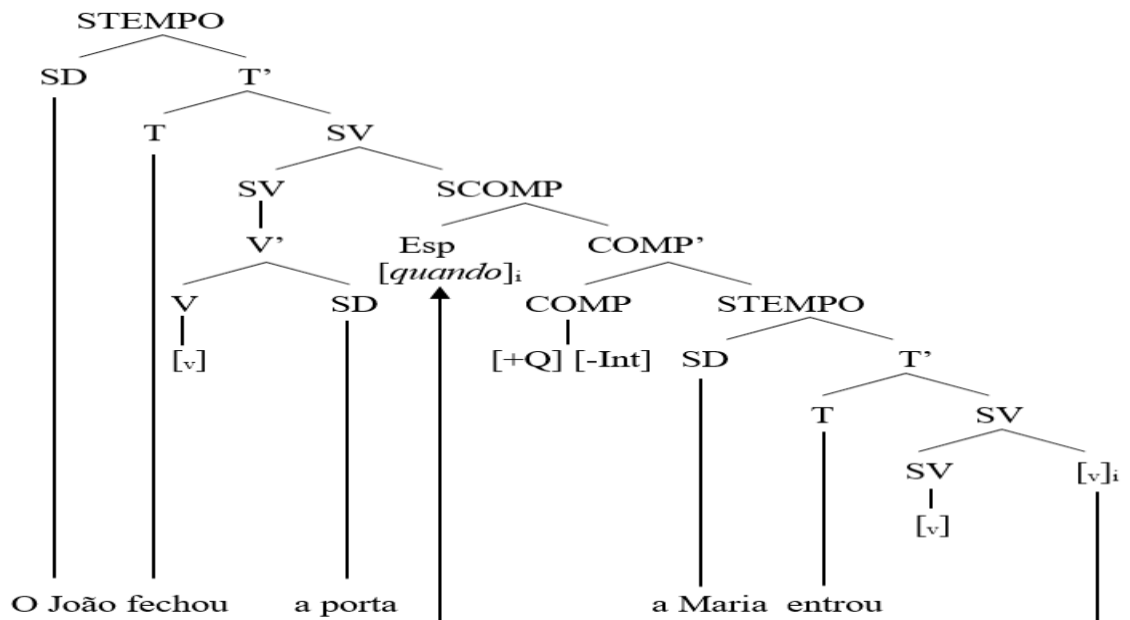
(28) mostra que as orações adverbiais de *quando* periféricas não aceitam a extração de um argumento interno (aqui topicalização do OD “a porta”), pelo que, tal como as orações de *quando* não periféricas, também seriam derivadas por movimento do operador -Q.

Há, pois, algumas razões para propor que, nas orações subordinadas adverbiais temporais de *quando* não periféricas e periféricas, em Português, *quando* pode não ser gerado na base em COMP, como conector. Em alternativa, parece ser gerado numa posição não argumental/oblíqua em STEMPO, e movido para especificador de SCOMP, dada a sua natureza de operador, comum ao *quando* interrogativo e ao *quando* relativo. A representação (29) seria, assim, comum a todas as orações de *quando*:

- (29) ...[_{SCOMP} [*quando*]_i [*a Maria entrou* [_v]_i]]

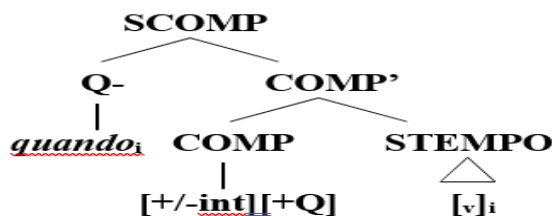
Nesta perspetiva, a estrutura em (30) representa uma oração subordinada adverbial temporal não periférica em posição final, com movimento do operador *quando* para a posição de especificador de SCOMP, para verificação do traço [+Q]⁶:

(30) O João fechou a porta [[*quando*]_i; a *Maria entrou* [_v]_i].



Deste modo, (31) representa a estrutura interna de um **SCOMP** que permite descrever **todas as orações subordinadas (adverbiais, relativas, interrogativas) e as interrogativas parciais independentes** iniciadas por *quando*:

(31)



⁶ Para simplificar a estrutura, optou-se por omitir o movimento do sujeito da sua posição de base, no SV, para especificador de STEMPO.

4. Conclusões

Estamos agora em condições de apresentar as seguintes conclusões deste estudo.

1. *quando* é um **morfema/conetor -Q com valor temporal e um operador sintático**. Como tal, possui sempre os traços distintivos [+Q], [+tempo], presentes em todos os tipos de orações subordinadas em que ocorre, não se justificando a existência de várias entradas lexicais, mas apenas de uma;
2. como **operador -Q**, a oração que inicia (SCOMP) ora ocorre numa **estrutura de adjunção** (orações relativas e orações adverbiais prepostas ou pospostas à frase matriz), ora numa **estrutura de complementação** (interrogativas subordinadas);
3. existe **movimento -Q** em todas as estruturas com o operador *quando*. Esta estratégia, utilizada na descrição das orações relativas e das interrogativas com *quando*, foi alargada na presente proposta às orações subordinadas adverbiais temporais (não periféricas e periféricas);
4. um **SCOMP** com *quando* terá no seu núcleo outras propriedades, para além do traço [+Q], nomeadamente o traço [+/-interrogativo] que permite distinguir orações interrogativas próprias de impróprias e de orações não interrogativas (em particular, orações subordinadas relativas e adverbiais temporais).
5. [+Q], [+tempo], **SCOMP** e **Movimento Q** são, portanto, as propriedades/categorias/traços que permitem englobar todas as construções de *quando* numa descrição sintática homogénea e unificada.

Referências

- Abney, S. P. 1987. The English Noun Phrase in Its Sentential Aspect. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology.
- Alexiadou, A.; Svenonius, P. (eds.). 2000. Adverbs and Adjunction. In *Linguistics in Potsdam*. Potsdam. S. 6(1).
- Brito, A. M. 2003. Subordinação Adverbial. In *Gramática da Língua Portuguesa* (695-766). Lisboa: Caminho.

- Brito, A. M. 2005. As relativas não restritivas como um caso de aposição. Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 401-41.
- Brito, A. M.; Matos, G. 2018. Relativas livres e interrogativas parciais: como Óscar Lopes viu algumas destas construções. Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto 13(1): 29-5.
- Donati, C. 2006. On Wh-Head Movement. In Wh-Movement: Moving on (21–46). Cambridge: MIT Press.
- Haegeman, L. 2010. The internal syntax of adverbial clauses. Lingua 120(3): 628–648
- Lobo, M. 2003. Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Lopes, Ó. 1971. Gramática Simbólica do Português (1ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. 1983/1989. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho.
- Matos, G.; Brito, A. M. 2013. The Alternation Between Improper Indirect Questions and DPs Containing a Restrictive Relative. In Information Structure and Agreement. (83-116) Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Matos, G.; Brito, A. M. 2018. Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças. Revista da Associação Portuguesa de Linguística 4 (9): 152–167.
- Móia, T. 1992. A sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso no português. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Móia, T. 1996. A sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso no português. In Quatro estudos em sintaxe do português. Lisboa: Edições Colibri.
- Móia, T. 2001. Aspectos Sintático-Semânticos das Orações Relativas com *Como* e *Quando*. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 349–361.
- Veloso, R. 2013. Subordinação Relativa. In Gramática do Português. (Vol. II, 2061 – 2134) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Effenberg, A.O., Schmitz, G., Baumann, F., Rosenhahn, B., Kroeger, D. 2015. SoundScript – Supporting the Acquisition of Character Writing by Multisensory Integration. *The Open Psychology Journal* 8: 230-237.

Violeta Amélia Magalhães¹

violetadmag@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O artigo “SoundScript – Supporting the Acquisition of Character Writing by Multisensory Integration”, publicado em 2015 pelos autores Alfred Oliver Effenberg, Gerd Schmitz, Florian Baumann, Bodo Rosenhahn e Daniela Kroeger na revista *The Open Psychology Journal*, vem introduzir um método *sonificado* de aquisição da grafia. Através do método SoundScript, os autores propõem a utilização de traços sonoros como auxílio aos traços visuais necessários na escrita grafemática. Há, portanto, uma sonoridade que pretende acompanhar a grafia, sem, como veremos, se relacionar com questões de ordem fonemática.

Servindo esta recensão como avaliação à estrutura e conteúdo do artigo, começaremos por analisar a escolha do título. Segundo Martins e Pinto (2016:67), o título de um artigo científico deve ser motivador e “o motor para a decisão da leitura do texto”. Nesse sentido, deve incluir as variáveis dependentes e independentes em discussão no estudo e separá-las pela utilização de dois pontos², de forma a que o título seja suficientemente esclarecedor do conteúdo em análise. Neste caso, os autores optaram por colocar no título o nome do método que pretendem defender, de certa forma, aludindo à variável dependente, e separaram-na, através do uso de hífen, da segunda parte do título que, pela utilização do *present continuous*, introduz a posição epistemológica (multissensorial) dos autores para com o tema da aquisição grafemática.

¹ Estudante do 2.º ciclo de estudos em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² Um tipo de pontuação que, segundo Adorno (1961), funciona como um acorde de sétima da dominante, inserindo uma tensão no texto que pede uma imediata resolução.

Quanto à estruturação do artigo, os autores optaram por não seguir a estruturação IMRD (Introdução, Métodos, Resultados e Discussão), tão comum desde meados do século XX, e, tipicamente, preferencial no âmbito da Psicolinguística (Martins e Pinto 2016), mostrando como essa estrutura, embora produtiva, não é a única possibilidade válida para a apresentação de um estudo científico. De facto, à primeira vista, este artigo, assinado pelo Instituto de Ciência do Desporto da Universidade Leibniz de Hannover, até pode não parecer do interesse da (Psico)linguística. Contudo, enquanto a escrita não se torna totalmente mediada pelas novas tecnologias de informação e de comunicação (Pinto 2017), a aprendizagem do código grafemático e a sua escrita manual continuam a ser tarefas necessárias à entrada da criança no mundo da escrita e, conseqüentemente, na sociedade, onde se espera que alcance um alfabetismo pleno (Scliar-Cabral 2017). Aliás, “before complete sentences can be built, the ability of writing single characters in a legible way is essential” (Effenberg *et al.* 2015:230). Por isso, os autores do artigo falam de uma “writing acquisition”, para a qual cada vez menos tempo é devotado e para a qual o método SoundScript pretende contribuir.

Não havendo, então, uma introdução como nos termos da estrutura IMRD, há, contudo, um enquadramento teórico, que serve para apresentar o tema e o problema do trabalho, bem como a formulação de algumas hipóteses de trabalho. Quanto à revisão da literatura importante na área, o leitor fica com a impressão de que não haverá muita investigação neste âmbito, uma vez que os autores do artigo não referem, à exceção de Danna *et al.* (2013 *apud* Effenberg *et al.* 2015), exemplos de aplicação de métodos do mesmo tipo do que se pretende apresentar, podendo, por isso, tratar-se de um estudo pioneiro na área.

Quanto ao conteúdo do artigo, a sonificação consiste, então, na utilização de material áudio não verbal para transmissão de informação ou para auxílio em tarefas percetivas. Trata-se do uso, em tempo real, de traços de som que, sendo simultâneos aos traços visuais, concedem informação extraordinária acerca da (in)correção de um movimento (Danna *et al.* 2013). No caso do método SoundScript, trata-se de conceder uma resposta (ou *feedback*) auditiva ao movimento visual e tátil necessário à aprendizagem grafemática. Nos métodos de sonificação, o som é, tipicamente, gerado eletronicamente. Neste caso em concreto, procurou-se reproduzir o timbre de um saxofone, por motivos de duração do som e considerações estéticas (Effenberg *et al.* 2015). Assim, a intensidade dos diferentes traços com que se desenham as letras foi acompanhada por diferentes sons produzidos eletronicamente por um saxofone. O sinal acústico foi ligado a um parâmetro fisiológico que permitia analisar os movimentos motores do

aprendente, sendo gerada informação, caso demasiada pressão estivesse a ser colocada no instrumento de escrita (caneta). Neste momento, gostaríamos também de discutir a opção dos autores pela caneta enquanto instrumento de escrita, porquanto a entrada no mundo da escrita implica uma lateralização manual bem estabelecida, e que a criança consiga agarrar no instrumento com rapidez e descontração (Pinto 2017). Ora, isso talvez seja mais fácil através de um instrumento de mais simples manipulação, que não exija um agarrar tão firme, como o lápis. Em todo o caso, o método SoundScript foi desenvolvido pensando em dois tipos de dificuldades que frequentemente surgem no campo da literacia: a disgrafia e a dislexia. Estes dois distúrbios são definidos pelos autores (Effenberg *et al.* 2015) recorrendo à definição de memória de trabalho de Baddeley (1992). Assim, disgrafia define-se, segundo os autores do artigo, como o conjunto de dificuldades de ordem fonológica, isto é, que remetem para o sistema de armazenamento fonológico do falante. Já dislexia é, para os mesmos autores, um distúrbio que impede o armazenamento ótimo na componente central da memória de trabalho, decorrendo de um débito sanguíneo da região occipitotemporal ventral esquerda (ou *caixa das letras*, Dehaene 2013) e de uma insuficiente ativação das regiões temporais laterais e ventrais do hemisfério esquerdo.

Relativamente à metodologia adotada, ficam por esclarecer algumas dúvidas. Normalmente, numa estrutura IMRD, a secção Metodologias é subdividida em secções mais específicas como Participantes, Material/Instrumentos, Procedimentos (Martins & Pinto 2015). Contudo, neste artigo a metodologia é pouco especificada e pouco detalhada. Por isso, fica, em grande parte, impossibilitada a replicação do estudo. Sabemos que o estudo piloto foi conduzido como um *single case research design* (Martins & Pinto 2016), num grupo de 15 crianças na pré-escola, entre os 5 e os 6 anos de idade, não havendo referência à condição (normal ou de alguma forma deficitária) neuronal e cognitiva das mesmas. Não temos, por isso, acesso a “tudo o que caracteriza e descreve a amostra como um todo ou os subgrupos em que se divide”³ (Martins & Pinto 2015: 11). Sabemos, porém, que a idade dos 5-6 anos pode ser considerada, em alguns países, o momento de preparação da criança para o desenho das letras, de forma a que a entrada no mundo da escrita seja acompanhada de algumas competências adquiridas

³ Outra falha do estudo piloto apresentado neste artigo é não referir em que pré-escola é que o estudo foi conduzido e que língua(s) falavam os participantes. Ficamos a saber, através do enquadramento teórico, que o trabalho se desenvolve em contexto alemão. Porém, não temos informações suficientes sobre a identidade linguística das crianças testadas.

previamente e, talvez por isso, os autores tenham escolhido avaliar essa faixa etária. Relativamente à dimensão da amostra, não existe um valor mínimo que defina absolutamente a validade ou invalidade de um experimento. Normalmente o número 30 (Martins & Pinto 2016) é um mínimo aconselhável para que conclusões estatísticas possam ser alcançadas. Contudo, a estatística deve existir em função da profundidade desejada ou do tipo de população testada. Além disso, uma vez que se trata de um estudo *piloto*, podemos pensar que os autores estiveram cientes do reduzido número de participantes selecionado.

Em relação aos procedimentos, sabemos também que o estudo decorreu durante 5 sessões de treino, balizadas por um teste diagnóstico realizado no início e no final do experimento. Durante as sessões, as crianças foram confrontadas com a apresentação dos traços visuais necessários à escrita dos grafemas, acompanhados por traços sonoros. Os grafemas testados foram: **a**, **k** e **m**. Esta escolha prende-se, segundo os autores (Effenberg *et al.* 2015), com uma vontade de testar grafemas de diferente complexidade. Para a testagem, foram criados três grupos de análise: um grupo de controlo, que procedeu à aprendizagem dos grafemas sem recursos sonoros; um grupo intitulado “Som”, que apenas teve acesso à frequência de base do som afeto a cada traço, mas sem aceder a modificações sonoras de acordo com o movimento, isto é, sem que o som sofresse modificações perante os movimentos dos aprendentes; e o grupo “Sonificação”, que inclui crianças que aprenderam os grafemas com recurso a som em tempo real, isto é, a traços sonoros que acompanhavam o movimento visual e tátil da aprendizagem.

O método SoundScript pretende oferecer uma abordagem multissensorial à aprendizagem grafemática, contribuindo assim para o que deveria ser um desenvolvimento do ensino multissensorial e multicognitivo (Odisho 2007) da língua materna. A ideia é juntar “hand, eye, and brain” (Emig 1977:125) ao som, numa aprendizagem simbólica dos fonemas, que se espera que possa conduzir a criança a um alfabetismo pleno e à aquisição de uma dimensão multirepresentacional da escrita. Assim, a aprendizagem grafemática passa a ser não só do domínio da mão, do olhar e do cérebro, mas também do domínio do ouvido. Tal abordagem multissensorial parece ser bastante positiva no desenvolvimento de vários domínios, entre eles o da perceção linguística (Massaro 1998 *apud* Effenberg *et al.* 2015) e da prática musical (Seitz *et al.* 2006 *apud* Effenberg *et al.* 2015), na medida em que parece contribuir para uma memorização estável e para um processamento eficiente da informação (Effenberg *et al.* 2015:232). Em termos neuronais, parece haver, segundo a mesma fonte, uma integração da

informação em regiões multissensoriais do sistema nervoso central, ocorrendo uma *convergência neuronal multissensorial*.

Através do método SoundScript espera-se que a criança vá comparando o som dos grafemas que produz com o som que se espera que seja produzido, fazendo, assim, uso do feedback que recebe, já que cada traço é associado a um som *correto*, isto é, a um som que, gerado aleatória e instrumentalmente – ou seja, sem referência ao valor fonemático do grafema –, pretende guiar os desenhos exatos dos traços envolvidos num só grafema. A audição do som correto é sempre repetível. Aliás, a ideia de repetição é, mesmo, fundamental, pois “the way something becomes second nature or automatic is through repeated practice” (Diamond 2013:153). Esta ideia de repetição é também retomada por Germain (2018), quando este evoca a imagem de um sulco que é necessário criar na aprendizagem de uma língua para representar a necessidade de repetição, incisão e treino. É claro que, para que a tarefa de repetição funcione, a criança precisa de ser capaz de memorizar o som correto e, depois, fazer uso dessa memória, isto é, comparando-a com o som da sua produção grafemática. Ora, esta “comparison between remembered and produced” (Effenberg *et al.* 2015: 233) só pode acontecer se a memória de trabalho da criança estiver suficientemente desenvolvida. Espera-se também que, através deste método, a retenção dos grafemas seja estável, para que a sua recuperação se torne automática no momento da escrita. Ao fazer esta afirmação devemos, no entanto, manter-nos atentos ao facto de os grafemas não funcionarem isoladamente: os fonemas que lhe estão associados modificam-se contextualmente (pensemos nos alofones) e a grafia é, tipicamente, escrita em contexto e não sob a forma de letras isoladas. Por isso, a aplicação de um método como o SoundScript nunca deverá esquecer nem abdicar da dimensão contextual da escrita, e de resto, da língua.

Apesar de algumas limitações do experimento em termos de extensão da amostra, foram apresentados resultados com recursos a gráficos e dados estatísticos, de forma objetiva e seguindo os padrões típicos da descrição de dados (Martins & Pinto 2015). Por força das próprias hipóteses formuladas, a leitura dos resultados constitui-se simples e clara, não fazendo uso de meros artifícios estatísticos (Martins & Pinto 2016). Assim, os resultados deste estudo piloto demonstram que o método de aprendizagem grafemática SoundScript, em que uma sonificação em tempo real acompanha o movimento da mão e do braço da criança, teve efeitos positivos na aprendizagem dos grafemas **a**, **k** e **m** por parte das crianças participantes, pois o método SoundScript levou a que os participantes pudessem treinar todos os movimentos

presentes no desenho das letras que eram manuscritas, bem como as várias dimensões dos traços. Os resultados evidenciaram que tal método pode auxiliar as crianças no ganho de consciência sequencial e estrutural do movimento da escrita. No entanto, resultados ao nível do ganho de consciência espacial do movimento da escrita, que se relacionam com questões de controlo motor, não se verificaram. Talvez porque essa noção espacial só possa ser verdadeiramente treinada quando a criança começa a escrever constituintes maiores, como sílabas, palavras e sintagmas e, provavelmente, sem o auxílio de um recurso como o SoundScript.

A secção Discussão, uma das secções fundamentais de um estudo experimental (Martins & Pinto 2015, 2016), está formalmente ausente do artigo, antes apresentando-se distribuída pelos resultados e pela secção conclusiva. A apreciação dos resultados e o diálogo com outras propostas de análise e com os resultados de outras investigações também são escassos uma vez que, como referimos anteriormente, há poucos estudos realizados neste âmbito. A Conclusão leva a um reavivar dos pontos fundamentais das secções anteriores do artigo e dos objetivos e intenções dos autores, assim como a um realce dos principais resultados. Embora não se verifique uma interpretação extensiva dos resultados, é relevante a contribuição dos autores com uma novidade para a comunidade.

Apesar das condicionantes do estudo e da sua estruturação, do facto de a amostra ser reduzida e não ter obtido resultados em todos os parâmetros testados, os autores do estudo e os autores desta revisão acreditam que um método como o SoundScript pode gerar consequências positivas nos seguintes aspetos:

- desenvolvimento da motricidade fina, uma condição essencial à aprendizagem da escrita;
- aquisição perceptual e motora dos grafemas, o que permitirá acelerar o processo de aprendizagem da escrita;
- tomada de consciência da concisão de formas grafemáticas como **b**, **d**, **p** e **q**, permitindo uma diferenciação mais eficiente desses grafemas que, sobretudo para aprendentes disléxicos, pode ser vantajoso (Scliar-Cabral 2013);
- noção de sequencialidade que envolve a escrita dos grafemas e que será, mais tarde, necessária para a compreensão da progressão relativa entre antes/agora/depois envolvida em processos de narração (Pinto 2017) e, também, em tarefas de planificação, tradução e revisão da escrita (Flower & Hayes 1981).

Antes de terminar, gostaríamos ainda de referir a aproximação deste método ao campo musical. De facto, apesar de o método SoundScript utilizar som gerado eletronicamente e não a partir de instrumentos e músicos reais, o som escolhido (o timbre do saxofone) aproxima-se de um som musical. Ora, as atividades musicais são normalmente percecionadas como agradáveis (Kreutz *et al.* 2004 *apud* Busse *et al.* 2018) e, caso estejam associadas a outras tarefas, potenciam um aumento da motivação e interesse nas mesmas. Por isso, uma relação entre música e escrita parece-nos favorável e desejável, seja a partir do método SoundScript, de outros métodos semelhantes em que a sonificação funciona como sistema de feedback no processo de aquisição da escrita (Danna *et al.* 2013), ou outros tipos de treino multimédia como os aplicados por Kast *et al.* (2007 *apud* Moreno *et al.* 2009). Nesse sentido, parece-nos também relevante a prova dada por estudos longitudinais como o AMseL, conduzido por Seither-Preisler e Schneider (2014, 2015), que permitiu comprovar como o treino musical contribui favoravelmente, entre outros aspetos (Seither-Preisler & Schneider 2015), para a velocidade de leitura, a aquisição grafemática e a divisão sintagmática de frases. Uma vez que “*onto-genetisch und phylogenetisch haben Musik und Sprache einen gemeinsamen Ursprung*”⁴ (Gembris 2015:7), é compreensível que não só “os sons da linguagem [constituam] fonte de interesse para criança” (Pinto 2017:115), como também os sons musicais possam entusiasma-la e acompanhar o seu processo de aprendizagem. Por tudo isto, o método SoundScript parece-nos relevante e a sua testagem recomendável.

Referências

- Adorno, T. 1961. *Noten zur Literatur I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Baddeley, A. 1992. Working Memory. *Science* 255: 556-559.
- Busse, V.; Jungclaus, J.; Roden, I.; Russo, F.; Kreutz, G. 2018. Combining Song-And-Speech-Based Language Teaching: An Intervention with Recently Migrated Children. *Frontiers in Psychology* 9: 1-10.
- Danna, J.; Velay, JL.; Paz-Villarán, V.; Capel, A.; Pétriz, C.; Gondre, C.; Thoret, E.; Aramaki, M.; Ystad, S.; Kronland-Martinet, R. 2013. Handwriting Movement Sonification for the Rehabilitation of Dysgraphia. Comunicação apresentada no 10th

⁴ Ontogenética e filogeneticamente, a música e a linguagem têm uma origem comum [tradução da autora].
Volume 11 | n.º 1 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_1

- International Symposium on Computer Music Multidisciplinary Research (CMMR), Marseille, 200-208.
- Diamond, A. 2013. Executive Functions. *Annual Review of Psychology* 64: 135-168.
- Effenberg, A.O.; Schmitz, G.; Baumann, F.; Rosenhahn, B.; Kroeger, D. 2015. SoundScript – Supporting the Acquisition of Character Writing by Multisensory Integration. *The Open Psychology Journal* 8: 230-237.
- Emig, J. 1977. Writing as mode of learning. *College Composition and Communication*. 28(2): 122-128.
- Flower, L.; Hayes, J. 1981. A cognitive process theory of writing. *College Composition and Communication* 32(4): 365-387.
- Germain, C. 2018. *The Neurolinguistic Approach (NLA) for Learning and Teaching Foreign Languages: Theory and Practice*. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=G9I9DwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, acedido em 02.06.2020.
- Gembris, H. 2015. *Transfer-Effekte und Wirkungen musikalischer Aktivitäten auf ausgewählte Bereiche der Persönlichkeitsentwicklung. Ein Überblick über den aktuellen Stand der Forschung*. Gütersloh: Bertelsmann Stiftung.
- Odisho, E. 2007. A Multisensory, Multicognitive Approach to Teaching Pronunciation. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 2: 3-28.
- Martins, F.; Pinto, M. da G. L. C. 2015. Procedimentos de pesquisa: alguns conselhos práticos para o estudo também psicolinguístico de realidades concretas. *Letras de Hoje* 50(1): 7-12.
- Martins, F.; Pinto, M. da G. L. C. 2016. Procedimentos de pesquisa: alguns conselhos práticos para o estudo também psicolinguístico de realidades concretas – parte II. *Lingvarvm arena* 7: 65-80.
- Moreno, S.; Marques, C.; Santos, A.; Santos, M.; Castro, S. L.; Besson, M. 2008. Musical Training Influences Linguistic Abilities in 8-Year-Old Children: More Evidence For Brain Plasticity. *Cerebral Cortex* 19: 712-723.
- Pinto, M. da G. L. C. 2017. *Nos bastidores da iniciação à entrada no mundo da escrita*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Linguística.
- Scliar-Cabral, L. 2013. *Sistema Scliar de alfabetização - fundamentos*. Florianópolis: Lili.
- Seither-Preisler, A.; Schneider, P. 2014. Neurokognitive Aspekte musikalischer Begabung. In W. Gruhn & A. Seither-Preisler (Eds.). *Der musikalische Mensch: Evolution, Biologie und Pädagogik musikalischer Begabung*. Hildesheim: Georg Olms, 329-356.

Seither-Preisler, A.; Schneider, P. 2015. Positive Effekte des Musizierens auf Wahrnehmung und Kognition aus neurowissenschaftlicher Perspektive. In G. Bernatzky & G. Kreutz (Eds.). Musik und Medizin. Chancen für Therapie, Prävention und Bildung. Wien: Springer, 375-394.